

Tempo e espaço da *paideia* nas *Vidas de Plutarco*

Joaquim J. S. Pinheiro

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Tempo e espaço da *paideia* nas *Vidas* de Plutarco

Joaquim J. S. Pinheiro

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • TEMPO E ESPAÇO DA PAIDEIA NAS VIDAS DE PLUTARCO

AUTORA • JOAQUIM J. S. PINHEIRO

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTVM

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira
Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira
Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
E-mail: imprensauc@ci.uc.pt
Vendas online:
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SIMÕES & LINHARES

ISBN

978-989-721-033-4

ISBN DIGITAL

978-989-721-034-1

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-034-1>

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO

Rodolfo Lopes & Nelson Ferreira

DEPÓSITO LEGAL

353377/13

PRÉ-IMPRESSÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

© NOVEMBRO 2013.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classica.digitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

POCI/2010

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	9
SIGLAS E ABREVIATURAS	11
Lista de Abreviaturas das <i>Vitae</i>	12
Lista de Abreviaturas dos <i>Moralia</i>	13
INTRODUÇÃO	17
PARTE I	
1. A Natureza das Biografias. <i>Ethos</i> e <i>Praxis</i>	25
2. A <i>synkrisis</i>	51
3. A problemática do Género das <i>Vitae: bios</i> e <i>historia</i>	61
4. O Paralelismo	85
5. A <i>mimesis</i> paidêutica	93
PARTE II	
1. Plutarco e a <i>Paideia</i>	117
1.1. Preâmbulo às considerações sobre o sentido de <i>paideia</i>	117
1.2. As <i>Vitae</i> em análise	123
1.2.1. <i>Theseus-Romulus</i>	124
1.2.2. <i>Aristides-Cato Maior</i>	136
1.2.3. <i>Coriolanus-Alcibiades</i>	157
1.2.4. <i>Demosthenes-Cicero</i>	176
1.2.5. <i>Sertorius-Eumenes</i>	196
1.2.6. <i>Philopoemen-Flaminius</i>	210
1.2.7. <i>Pelopidas-Marcellus</i>	228
1.2.8. <i>Alexander-Caesar</i>	244
1.3. A <i>paideia</i> e a <i>politeia</i>	270
1.3.1. <i>Maxime cum principibus philosopho esse disserendum</i>	281
1.3.2. <i>Ad principem ineruditum</i>	284
1.3.3. <i>An seni respublica gerenda sit</i>	288
1.3.4. <i>Praecepta gerendae reipublicae</i>	290
1.3.5. <i>De unius in republica dominatione</i>	294
PARTE III	
1. O conceito de <i>paideia</i> em Plutarco	301
2. <i>Graecia capta</i> ou <i>Roma capta</i>	359

CONCLUSÃO	399
BIBLIOGRAFIA	
Edições e comentários	405
Estudos	407
ÍNDICE REMISSIVO DAS <i>VITAE</i> E DOS <i>MORALLA</i>	439
ÍNDICE REMISSIVO GERAL	445

*Aos meus Pais e Avós.
À Cristina, à Mariana e à Madalena.*

PREÂMBULO

O conteúdo deste volume corresponde, em larga medida, à nossa dissertação de doutoramento, apresentada à Universidade da Madeira, em Dezembro de 2007. Para tornar o texto mais acessível ao grande público, eliminámos da versão original várias citações de textos da Literatura Grega, aligeirámos algumas notas e esclarecemos o sentido de conceitos, mantendo a estrutura e o resultado da investigação sobre a obra de Plutarco.

Desde a nossa vinda para a Universidade da Madeira que temos tido o privilégio de poder contar com a orientação científica e o apoio do Doutor Arnaldo Espírito Santo. Assim aconteceu na elaboração das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica e em todo o processo do presente trabalho. Pelos ensinamentos que nos dispensou ao longo destes anos, queremos expressar-lhe a nossa profunda gratidão, pois é um exemplo de *paideia* que para sempre nos acompanhará.

Ao Doutor José Ribeiro Ferreira devo uma sentida palavra de agradecimento pelo interesse que sempre manifestou pela Dissertação e por, no âmbito das suas funções de Presidente da Sociedade Portuguesa de Plutarco, nos ter proporcionado a ida, muito enriquecedora, ao Colóquio da Rede de Plutarco, realizado em Madrid, e a integração na equipa do Projecto *Plutarco e os Fundamentos da Identidade Europeia* (PTDC/HAH68899/2006), além da sua disponibilidade para nos remeter artigos ou livros de apoio. Muito grato estamos também ao Doutor Delfim Leão, quer pela forma como tem vindo a coordenar cientificamente os trabalhos de tradução e estudo da obra de Plutarco, quer pelo interesse e preservação que manteve, enquanto responsável pela biblioteca online *Classica Digitalia* (<http://classicadigitalia.uc.pt>), na publicação do presente volume. À Doutora Cristina Pimentel pelo incentivo durante o nosso percurso académico, pelo interesse e sugestões, manifestamos o nosso sentido agradecimento. Pelo apoio que temos recebido, desde 2007, por

parte do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, expressamos à Doutora Maria do Céu Fialho, coordenadora científica, a nossa sincera gratidão. À equipa de trabalho dos Classica Digitalia endereçamos também um agradecimento pelo cuidadoso labor de edição.

À Universidade da Madeira, agradecemos, de forma especial, a confiança que depositou neste projecto e as condições que nos disponibilizou para o concluir, em particular a Unidade de Documentação e Arquivo pela maneira como tratou os múltiplos pedidos de empréstimo interbibliotecário e pelo suporte à leitura de alguns documentos em microfilme.

Pela forma como sempre estiveram presentes na nossa vida e pelos valores que nos têm transmitido, os nossos pais merecem um reconhecimento muito especial. Gostaríamos de estender à nossa família e aos nossos amigos os agradecimentos por terem sido um importante estímulo durante este percurso.

Guardamos as palavras finais para as três pessoas que mais de perto, com todas as consequências que desse facto advêm, conviveram com a investigação associada a este trabalho: a Cristina, a Mariana e, mais recentemente, a Madalena. Para elas, dirigimos um profundo obrigado por tudo o que representam e por darem sentido à nossa existência.

Funchal, Julho de 2013
Joaquim Pinheiro

SIGLAS E ABREVIATURAS

Usámos, de um modo geral, a nomenclatura de H. G. LIDDELL & R. SCOTT (*A Greek-English Lexicon, with a revised supplement*, 1996r) para a citação dos autores e obras da Literatura Grega e o dicionário editado por P. G. W. Glare (*Oxford Latin Dictionary*, 1997r) para as referências aos autores e obras da Literatura Latina. O facto de aludirmos com muita frequência às *Vitae* e aos *Moralia* de Plutarco fez com que adoptássemos, nas notas de rodapé, o sistema de abreviaturas convencionado pela generalidade dos estudos plutarquianos, que a seguir reproduziremos de modo a facilitar a leitura do nosso trabalho. No caso dos estudos modernos, o nome do autor vem seguido do ano de publicação e páginas (e. g. C. PELLING (2002: 1-44)), remetendo-se a informação completa para a bibliografia; como alguns estudos foram objecto de repetidas publicações em revistas ou livros, optámos por colocar um *r* após o ano (2002r), nos casos em que não lemos o texto da primeira publicação (há casos, como T. DUFF (2002r), em que o *r* significa que nos referimos à reimpressão em *paperback*, pois a edição *hardback* é de 1999); para os estudos lidos em tradução antepusemos um *t* ao ano de publicação (t1981). Refira-se, ainda, que as abreviaturas das publicações periódicas seguem as siglas usadas em *L'Année Philologique* e que para os nomes próprios usámos o vocabulário *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*, da autoria de M. H. UREÑA PRIETO *ET AL.* (1995).

Por fim, o nosso trabalho beneficiou do uso do CD ROM *Thesaurus Linguae Graecae* (University of California, Irvine, 1999), bem como do programa de leitura LECTOR 2003 (versão 1.06) e do DIOGENES.

Na recolha bibliográfica, a lista de estudos plutarquianos que a International Plutarch Society disponibiliza, em formato pdf e por ordem alfabética, na sua *homepage* (cf. <http://www.usu.edu/historia/ploutarchos/plutbib.htm> [Novembro, 2006]) foi de extrema utilidade, tal como, por exemplo, os artigos de A. PODLECKI & S. DUANE (1992: 4053-4153) e F. TITCHENER (1992: 4128-4153).

Lista de Abreviaturas das *Vitae* (ordem alfabética)

Aem. = *Aemilius Paulus*

Ages. = *Agesilaus*

Ag./Cleom. = *Agis/Cleomenes*

Alc. = *Alcibiades*

Alex. = *Alexander*

Ant. = *Antonius*

Arat. = *Aratus*

Arist. = *Aristides*

Art. = *Artaxerxes*

Brut. = *Brutus*

Gracch. = *T. Gracchus/ C. Gracchus*

Caes. = *Caesar*

Cam. = *Camillus*

Cat. Ma. = *Catus Maior,*

Cat. Mi. = *Catus Minor*

Cic. = *Cicero*

Cim. = *Cimon*

Comp. = *Comparatio* (seguida das abreviaturas das duas vidas)

Cor. = *Coriolanus*

Crass. = *Crassus*

Dem. = *Demosthenes*

Demetr. = *Demetrius*

Dion

Eum. = *Eumenes*

Fab. = *Fabius Maximus*

Flam. = *Flamininus*

Galb. = *Galba*

Luc. = *Lucullus*

Lyc. = *Lycurgus*

Lys. = *Lysander*

Mar. = *Marius*

Marc. = *Marcellus*

Nic. = *Nicias*

Num. = *Numa*

Oth. = *Otho*

Pel. = *Pelopidas*

Per. = *Pericles*

Phil. = *Philopoemen*

Phoc. = *Phocion*

Pomp. = *Pompeius*

Publ.=*Plublicola*
Pyrrh.=*Pyrrhus*
Rom.=*Romulus*
Sert.=*Sertorius*
Sol.=*Solon*
Sull.=*Sulla*
Them.=*Themistocles*
Thes.=*Theseus*
Tim.=*Timoleon*

Lista de Abreviaturas dos *Moralia*

De liberis educandis=*De lib. educ.*
Quomodo adulescens poetas audire debeat=*De aud. poet.*
De recta ratione audiendi=*De aud.*
Quomodo adulator ab amico internoscatur=*De adul.*
Quomodo quis suos in virtute sentiat profectus=*De prof. in virt.*
De capienda ex inimicis utilitate=*De cap. ex inim. ut.*
De amicorum multitudine=*De am. mult.*
De fortuna=*De fort.*
De uirtute et uitio=*De virt. et vit.*
Consolatio ad Apollonium=*Cons. ad Apoll.*
De tuenda sanitate praecepta=*De tuenda san.*
Coniugalia praecepta=*Coniug. praec.*
Septem sapientium conuiuuium=*Sept. sap. conv.*
De superstitione=*De superst.*
Regum et imperatorum apophthegmata=*Reg. et imp. apophth.*
Apophthegmata Laconica=*Apophth. Lac.*
Mulierum uirtutes=*Mul. uirt.*
Quaestiones Romanae=*Quaest. Rom.*
Quaestiones Graecae=*Quaest. Graec.*
Parallela Graeca et Romana=*Paral. min.*
De fortuna Romanorum=*De fort. Rom.*
De Alexandri fortuna aut uirtute=*De Alex. fort. aut uirt.*
De gloria Atheniensium=*De gloria Ath.*
De Iside et Osiride=*De Is. et Os.*
De E apud Delphos=*De E Delph.*
De Pythiae oraculis=*De Pyth. or.*
De defectu oraculorum=*De def. orac.*
An uirtus doceri possit=*An uirt. doc.*
De uirtute morali=*De uirt. mor.*
De cohibenda ira=*De coh. ira*

do homem possui por natureza o desejo de aprender e de ver” (φιλομαθές τι κέκτηται καὶ φιλοθέαμον ἡμῶν ἢ ψυχὴ φύσει³³⁷), sendo, desta forma, o leitor também uma espécie de espectador. Como refere nas palavras introdutórias da biografia de Péricles, ao analisar as diferentes formas de imitação, a simples observação da virtude leva a imitá-la:³³⁸

οὐ γὰρ ἀναγκαῖον, εἰ τέρπει τὸ ἔργον ὡς χαρίεν, ἄξιον σπουδῆς εἶναι τὸν εἰργασμένον. ὅθεν οὐδ’ ὠφελεῖ τὰ τοιαῦτα τοὺς θεωμένους, πρὸς ἃ μιμητικὸς οὐ γίνεται ζῆλος οὐδ’ ἀνάδοσις κινουῖσα προθυμίαν καὶ ὄρμην ἐπὶ τὴν ἐξομοίωσιν. ἀλλ’ ἢ γ’ ἀρετὴ ταῖς πράξεσιν εὐθύς οὕτω διατίθησιν, ὥσθ’ ἅμα θαυμάζεσθαι τὰ ἔργα καὶ ζηλοῦσθαι τοὺς εἰργασμένους. τῶν μὲν γὰρ ἐκ τύχης ἀγαθῶν τὰς κτήσεις καὶ ἀπολαύσεις, τῶν δ’ ἀπ’ ἀρετῆς τὰς πράξεις ἀγαπῶμεν, καὶ τὰ μὲν ἡμῖν παρ’ ἐτέρων, τὰ δὲ μᾶλλον ἐτέροις παρ’ ἡμῶν ὑπάρχειν βουλόμεθα. τὸ γὰρ καλὸν ἐφ’ αὐτὸ πρακτικῶς κινεῖ καὶ πρακτικὴν εὐθύς ὄρμην ἐντίθησιν, ἡθοποιοῦν οὐ τῇ μιμήσει τὸν θεατὴν, ἀλλὰ τῇ ἱστορίᾳ τοῦ ἔργου τὴν προαίρεσιν παρεχόμενον.

É possível que uma obra possa deleitar com a sua graça, mesmo quando o autor não é forçosamente digno de ser estimado. Por isso os que observaram as obras que tratamos não tiraram proveito, por não lhe suscitar o desejo de imitação, nem o desejo que move a vontade e o impulso para ser semelhante. No entanto, a virtude, com as suas acções, depressa dispõe o espírito de tal forma que, ao mesmo tempo, admira essas obras e imita os que as realizaram. De facto, dos bens vindos da fortuna satisfaz-nos o sentimento de posse e o prazer, enquanto dos que nascem da virtude preferimos as acções; desejamos que os primeiros bens resultem para nós de outros, enquanto os segundos desejamos mais que os outros os tenham por nosso intermédio. É que a beleza moral exerce uma viva atracção e gera de imediato um desejo pela acção, não por moldar o carácter daquele que a contempla pela simples imitação, mas, acima de tudo, porque desperta a vocação³³⁹ pelo conhecimento prático da acção.

Repare-se na forma como Plutarco enfatiza as acções que são geradas pela *arete*, por oposição aos benefícios que o homem pode receber por intermédio da *tyche*, sem que se proponha a renúncia a estes. Apenas se valoriza a *arete* por ela ter a capacidade de gerar o efeito mimético pretendido pelo autor, pois somente o que se consegue pelo impulso da *arete* revela empenho e capacidade pessoal, capazes de suscitar nos outros o apelo por realizar obras de tamanha grandeza. Nesse sentido, a *arete* está ligada ao mérito individual, enquanto

“é justo” e “convém” ou “não é justo” e “não convém”.

³³⁷ *Per.* 1.2.

³³⁸ *Per.* 2.1-4; vide a análise que T. Duff (2001: 351-364) faz deste prólogo.

³³⁹ Sobre o sentido de *proairesis*, vide A. Pérez Jiménez (1995) e T. Duff (2002r: 39).

a *tyche* resulta de um processo transcendente, podendo não ter qualquer participação voluntária. O texto, na reflexão final, diz-nos que a formação do carácter do leitor-espectador (θεατήν)³⁴⁰ não se faz apenas pela imitação, mas também pela investigação das acções³⁴¹, na qual tanto o escritor como o leitor estão implicados³⁴². Significa, ainda, que a intenção das *Vitae* não se resume à simples criação de um impulso (ὀρμή)³⁴³ de *mimesis* no leitor, mas implica conseguir moldar o seu carácter (ἠθοποιουῖν), tendo cada indivíduo de possuir a capacidade de fazer as melhores escolhas, precisamente aquelas que lhe trarão a *eudaimonia*. Assim, as *Vitae* são, simultaneamente, uma interpretação das acções do passado e um primeiro impulso auxiliar na hora de se tomarem as opções na *praxis*. Nesse sentido, imitar, educar e aprender são, por conseguinte, indissociáveis para o autor e também para o leitor/ouvinte.

Se Plutarco pretende, como temos tentado demonstrar, que o leitor imite as acções virtuosas do passado, como se compreende que inclua no conjunto das *Vitae* exemplos de homens que não se distinguiram pelo seu carácter virtuoso, mas pelos seus defeitos? Figuras como Marco António, Demétrio, Mário ou Coriolano dificilmente se enquadram no modelo de virtude a emular! O próprio autor nos dá a resposta a esta questão no prólogo do célebre par *Demetrius-Antonius*³⁴⁴, em que justifica a introdução de homens com mais vícios do que

³⁴⁰ O mais corrente na literatura grega é o uso de ὁ ἀναγιγνώσκω.

³⁴¹ Esta leitura do texto não é pacífica. C. Jones (1971: 103, n.4) propõe que οὐ τῆ μιμήσει seja emendado com a introdução de μόνον antes de τῆ μιμήσει; T. Duff (2002r: 38, n.76 e 77), no entanto, julga que a emenda não é necessária, pois é possível considerar que a frase introduzida por ἀλλά ganha supremacia sobre a frase anterior.

³⁴² Também Tucídides implica o escritor e o leitor no mesmo acto de investigação (cf. 1.1.3; 1.21.2; 1.22.2-4).

³⁴³ Conceito estóico (cf. φαντασία e συγκατάθεσις) que traduz o movimento da alma para alguma coisa ou um acto de rejeição; em outros momentos, Plutarco usa a palavra ῥοπή (e.g. *Cam.* 28.5, *Per.* 11.2, *Cor.* 1.1, *Pel.* 29.2, *Arist.* 5.2, *Comp. Pyrrh.-Mar.* 5.4, *Luc.* 22.4 e *Cic.* 5. 6), que tem um sentido muito próximo.

³⁴⁴ 1.3-6: αἱ δὲ τέχνηαι μετὰ λόγου συνεστῶσαι πρὸς αἴρεσιν καὶ λῆψιν οἰκείου τινός, φυγὴν δὲ καὶ διάκρουσιν ἀλλοτριού, τὰ μὲν ἀφ' αὐτῶν καὶ προηγουμένως, τὰ δ' ὑπὲρ τοῦ φυλάσθαι κατὰ συμβεβηκός ἐπιθεωροῦσι· καὶ γὰρ ἰατρικὴ τὸ νοσερὸν καὶ ἄρμονικὴ τὸ ἐκμελές, ὅπως ἔχει, σκοπεῖν συμβέβηκε πρὸς τὴν τῶν ἐναντίων ἀπεργασίαν· αἶ τε πασῶν τελεώταται τεχνῶν, σωφροσύνη καὶ δικαιοσύνη καὶ φρόνησις, οὐ καλῶν μόνον καὶ δικαίων καὶ ὠφελίμων, ἀλλὰ καὶ βλαβερῶν καὶ αἰσχρῶν καὶ ἀδίκων κρίσεις οὔσαι, τὴν ἀπειρίαν τῶν κακῶν καλλωπιζομένην ἀκακίαν οὐκ ἐπαινοῦσιν, ἀλλ' ἀβελτερίαν ἡγοῦνται καὶ ἄγνοιαν ὣν μάλιστα γινώσκειν προσήκει τοὺς ὀρθῶς βιωσομένους. οἱ μὲν οὖν παλαιοὶ Σπαρτιάται τοὺς εἰλωτας ἐν ταῖς ἑορταῖς πολλὴν ἀναγκάζοντες πίνειν ἄκρατον εἰσηγον εἰς τὰ συμπόσια, τοῖς νέοις οἷόν ἐστι τὸ μεθύειν ἐπιδεικνύντες· ἡμεῖς δὲ τὴν μὲν ἐκ διαστροφῆς ἐτέρων ἐπανάρθωσιν οὐ πάνυ φιλάνθρωπον οὐδὲ πολιτικὴν ἡγούμεθα, τῶν δὲ κεχηρμένων ἀσκεπτότερον αὐτοῖς καὶ γεγονότων ἐν ἐξουσίαις καὶ πράγμασι μεγάλους ἐπιφανῶν εἰς κακίαν οὐ χειρὸν ἴσως ἐστὶ συζυγίαν μίαν ἢ δύο παρεμβαλεῖν εἰς τὰ παραδείγματα τῶν βίων, οὐκ ἐφ' ἡδονῆς μὰ Δία καὶ διαγωγῆς τῶν ἐντυχανόντων ποικίλλοντας τὴν γραφὴν, ἀλλ' ὥσπερ Ἰσμηνίας ὁ Θηβαῖος ἐπιδεικνύμενος τοῖς μαθηταῖς καὶ τοὺς εὖ καὶ τοὺς κακῶς αὐλοῦντας εἰώθει λέγειν “οὕτως αὐλεῖν δεῖ” καὶ ἀπάλιν “οὕτως αὐλεῖν οὐ δεῖ”, ὁ δ' Ἀντιγενεΐδας καὶ ἡδίων ᾤετο τῶν ἀγαθῶν

virtudes nas suas *Vitae*, tal como acontece com o par *Coriolanus–Alcibiades*³⁴⁵.

ἀκροῶσθαι τοὺς νέους αὐλητῶν, <ἦν τ>ίνα καὶ τῶν φαύλων πείραν λαμβάνωσιν, οὕτως μοι δοκοῦμεν ἡμεῖς προθυμότεροι τῶν βελτιόνων ἔσσεσθαι καὶ θεαταὶ καὶ μιμηταὶ βίων, εἰ μὴδὲ τῶν φαύλων καὶ ψεγομένων ἀνιστορήτως ἔχοιμεν. As artes, por seu lado, em conjunto com a razão, escolhem e recebem o que lhes é conveniente ou fogem e afastam-se do que lhes é hostil; examinam, no início, as coisas por elas próprias com atenção e defendem-se, de seguida, contra o que vai ao seu encontro de forma fortuita. De facto, sucede que também cabe à medicina observar a doença e à música o que é dissonante, de forma a produzirem o oposto. As mais perfeitas das artes, isto é, a moderação, a justiça e a inteligência, não ajuizam apenas o que é belo, justo e útil, mas também aquilo que é funesto, ignominioso e injusto, pois não aprovam a inocência que se vangloria com a ignorância do mal, mas consideram isso uma patetice e um desconhecimento de que convém sobretudo conhecer os que sabem viver correctamente. Nesse sentido, os antigos Espartanos obrigavam, nas festas, os hilotas a beber muito vinho puro e introduziam-nos a seguir nos banquetes, para mostrar aos jovens o que é a embriaguez. Pela nossa parte, não consideramos que corrigir uns com a perversão de outros seja humano ou esteja em conformidade com a acção política, mas talvez possa não ser má ideia introduzir nos exemplos das minhas vidas um ou dois pares de homens que se guiaram por algo sem valor, que chegaram ao poder e com grandes actos de renome se entregaram ao vício (...); de igual forma, parece-me que nós seremos espectadores e imitadores mais benévolos das vidas dos melhores se não deixarmos de mencionar os que foram vis e dignos de censura.

Sobre a introdução de jovens nas festas espartanas para aprenderem os efeitos nocivos do álcool, Plutarco, em *Lyc.* 28.8 e 12, não apresenta esta metodologia da educação espartana como um defeito, mas realça os seus efeitos positivos; vide, ainda, *De coh. ira* 455E. Além disso, a afirmação, no fim do texto, de que é necessário mencionar aqueles que não foram um bom exemplo remete-nos para Platão, *Rep.* 396C-E.

³⁴⁵ L. Piccirilli (1989: 14-16), F. Titchener (1991), H. Martin (1995) juntam o par *Nic.–Cras.*, como um exemplo negativo; A. G. Nikolaidis (1988: 331-2) junta, além do par *Nic.–Cras.*, o par *Pyrrh.–Mar.*; L. Piccirilli (1990: xxix-xxxiv) considera que é necessário agrupar as vidas por 3 categorias: os bons, os maus e uma categoria intermédia onde figurariam os pares *Nic.–Cras.* e *Cor.–Alc.* (embora nos estudos (1989: 14-16) e (1993: xiii-xiv) classifique o par *Nic.–Cras.* como um exemplo negativo); a propósito do par *Cor.–Alc.*, vide D. Russel (1963) e (2001²: 108) e T. Duff (2002r: 205-240); por exemplo, C. Pelling (2002e: 117-141), comparando os aspectos negativos que Plutarco aponta com os de Tucídides, não concorda com os que pretendem juntar *Nic.* ao grupo dos “maus exemplos”. Parece-nos que a tripartição proposta por L. Piccirilli, ainda que seja legítima, limita um pouco a análise dessas vidas, pois os heróis não são globalmente maus ou bons, e, mesmo no par *Demetr.–Ant.*, é possível encontrar virtudes (Cf. C. Pelling (1994r: 10-18)). J. Walsh (1992: 217-8), por sua vez, deixando de lado a biografia de Flaminino, considera que também a vida de Filopémen, por causa da sua *philonikia*, é um exemplo negativo. Atendendo ao significado da figura de Filopémen, o “último dos Gregos” que dedicou a sua vida à luta pela liberdade, não nos parece que Plutarco o quisesse apresentar como um mau exemplo; por fim, notar que de acordo com a cronologia proposta por C. Jones (1966: 66-68) os pares *Phil.–Flam.*, *Cor.–Alc.*, *Nic.–Cras.*, *Dem.–Ant.* e *Pyrrh.–Mar.* (o par *Lys.–Sull.* também contém vários elementos negativos, mas não faz parte da produção final do autor) pertencerão, com as reservas que uma classificação desta sempre suscita, à fase final da escrita das *Vitae*. Será isto uma mera coincidência? T. Duff (2002r: 63) acha que não: “It is surely also no coincidence that the majority of these challenging pairs of Lives, whose subjects have something of the great nature turned bad in them, are of men who lived outside of what Plutarch would have considered the golden age of their countries, in which he considered the exercise of virtue was more difficult or the temptations of power very great”. O que julgamos que não merece qualquer discussão é que Plutarco prefere realçar a φιλανθρωπία das personagens em vez da κακότητια.

Da mesma forma que o médico³⁴⁶ ou o músico precisam, respectivamente, de prestar atenção à doença e aos sons dissonantes, também Plutarco não pode ser indiferente às *kakiai* para expor a verdadeira *arete*, uma vez que, para se conhecer bem a σωφροσύνη, a δικαιοσύνη e a φρόνησις, é imprescindível aprofundar os seus contrários. Desta forma, o autor, ao interligar virtude e conhecimento, partilha do pensamento tradicional helénico, valorizando o esforço pessoal na procura dos melhores modelos. Até porque, no texto, o *logos* não é alheio às *technai*³⁴⁷ e, bem pelo contrário, aquele que pratica a *arete* tem poder de discernimento para distinguir o que deseja assimilar e o que prefere censurar e rejeitar. Além disso, é necessário que o leitor, fazendo uso da *paideia*, saiba que a literatura não representa ou imita apenas bons modelos, mas é preciso saber distinguir aquilo que é bom e mau³⁴⁸.

Por isso mesmo, Plutarco não receia dar o exemplo na sua obra de homens com vícios, pois pensa que o leitor deve, em primeiro lugar, conhecer e, depois, saber discernir o bom do mau. Não se fique, contudo, com a ideia de que Demétrio e António são exemplos totalmente negativos, sem qualquer tipo de virtude. No seguimento do texto que citámos, Plutarco, certamente influenciado pela teoria platónica³⁴⁹, refere³⁵⁰: κακίας μεγάλας ὡσπερ ἀρετᾶς αἱ μεγάλαι φύσεις ἐκφέρουσι (as grandes naturezas produzem grandes vícios como grandes virtudes). Apresenta, assim, Demétrio e António — que D. Russel (2001²: 135) qualifica de “deterrent” — como o exemplo de μεγάλαι φύσεις, em que a virtude e o vício se sucedem ao longo das suas vidas. Talvez seja pelo facto de estarmos na presença de “grandes naturezas”, que se torna tão complicado entender onde se encontra a fronteira entre o bom e o mau paradigma. O próprio Alexandre Magno não surge apenas como paradigma de virtudes e da *paideia* grega, mas tem também outros atributos menos positivos, como o vício da bebida e a forma pouco “democrática” como exerce o poder, factos presentes na biografia que Plutarco lhe dedica.

Ainda em relação a este prólogo, cabe referir que a exposição dos vícios tem igualmente uma função dentro da ideologia da *paideia*. Será muitas vezes

³⁴⁶ Sobre o uso do médico como referente educacional, vide J. Martín del Pozo (1996: 185-192).

³⁴⁷ Enquanto no prólogo de *Per.-Fab.* existe uma antítese entre *logos* e *aisthesis*, neste caso a razão é associada às *technai*.

³⁴⁸ Distanciando-se, neste caso, dos preceitos platónicos, em *De aud.* 26A, defende que o estudante não deve apenas aprender aquilo que se deve imitar, até porque a poesia não representa apenas o que é bom, mas caracteres excessivos e longe da perfeição. Este princípio, como já referimos, aumenta a responsabilidade da *paideia*, no papel que tem em educar a interpretação textual, havendo o risco de a poesia não ser devidamente analisada em meios menos cultos, o que não era o caso das elites greco-romanas.

³⁴⁹ Cf. *Rep.* 491b-492a; vide também *De sera num. uind.* 551D-552D.

³⁵⁰ *Demetr.* 1.7.

a *paideia*, aliada ao *logos*, que corrigirá a *physis* do ser humano e as *anomaliai*³⁵¹ que lhe são inerentes, como se constata em relação a Temístocles:³⁵²

ἐν δὲ ταῖς πρώταις τῆς νεότητος ὀρμαῖς ἀνώματος ἦν καὶ ἀστάθμητος, ἅτε τῆ φύσει καθ' αὐτὴν χρώμενος, ἄνευ λόγου καὶ παιδείας ἐπ' ἀμφοτέρα μεγάλας ποιουμένη μεταβολὰς τῶν ἐπιτηδευμάτων, καὶ πολλάκις ἐξισταμένη πρὸς τὸ χεῖρον, ὡς ὕστερον αὐτὸς ὠμολόγει, καὶ τοὺς τραχυτάτους πῶλους ἀρίστους ἵππους γίνεσθαι φάσκων, ὅταν ἦς προσήκει τύχῳσι παιδείας καὶ καταρτίσεως.

[Temístocles] Era desigual e instável nos primeiros impulsos da juventude, deixando-se seguir pela sua natureza, que, sem a razão e a educação, induz grandes transformações na forma de vida, tanto para um como para outro extremo, e que muitas vezes pende para o pior lado, como ele próprio mais tarde confessa, afirmando que mesmo os mais irascíveis potros se tornam excelentes cavalos, quando recebem a educação e a disciplina que convém.

No fundo, quer a natureza seja boa quer nos casos em que ela seja menos perfeita, a *paideia* tem sempre um papel a desempenhar, algo de positivo a acrescentar. É nisto que Plutarco acredita, pois — permita-se esta imagem — tal como ao médico é possível atenuar ou curar um doença, também a boa educação pode conduzir o indivíduo para aquilo que é justo e verdadeiro, num processo de exigência e esforço: a *physis* e a *paideia* necessitam continuamente de ser estimuladas no sentido do bem e da dignificação e realização pessoal do indivíduo³⁵³.

Por um lado, o autor, ao escrever, lega aos leitores do seu tempo e aos vindouros uma memória³⁵⁴ com uma evidente função didáctica, um pouco à semelhança do princípio “aprender com o passado”, e, por outro, muitas vezes a correcção (ἐπανόρθωσις) dos hábitos é mais fácil de fazer a partir de maus exemplos do que com base nos bons exemplos. É o que veremos em relação ao par *Alcibiades-Coriolanus*. Além disso, vivendo Plutarco numa época de conflitos e de crise de valores, a apresentação só de homens virtuosos não reflectiria com

³⁵¹ Cf. *anomalía* no carácter de *Sull.* 6.7-8, 14-15, 30.6, ainda que neste casos, e por isso os referimos, Plutarco não estabeleça uma relação com a *paideia* deficiente; cf. *Lyc.* 8.1, 9.1, *Num.* 18.1-3, *Them.* 2.7, *Alc.* 16.9, *Phil.* 3.4, *Mar.* 1.5, 20.10, *Alex.* 16.2, *Phoc.* 6.2, *Cic.* 10.5; se, em alguns destes casos, a *anomalía* é da *physis*, outros — a maioria —, são fruto das circunstâncias da vida, da *tyche*, do divino ou da incorrecta *paideia* que faz com que o indivíduo seja incapaz de discernir o correcto do incorrecto, o bem do mal.

³⁵² *Them.* 2.7.

³⁵³ Plutarco usa a figura do médico para explicar as suas ideias sobre a educação, recuperando, no fundo, uma metáfora platónica, a qual relaciona a arte da medicina com o método dialéctico de Sócrates, sem deixar de apontar algumas diferenças (cf. *Pl. Spb.* 230b 4).

³⁵⁴ E.g. Tácito considera que o vício deve ser recordado para a posteridade (cf. *Ann.* 3.65).

exactidão a realidade, algo que não seria o seu objectivo, se atendermos à ênfase que coloca na imitação dos valores pela *praxis*. Embora haja a tendência de olhar para o passado como algo glorioso e modelar, não pode o historiador ou biógrafo apagar os exemplos menos edificantes. Seguindo este princípio, não deixa de ser curioso que Plutarco critique Heródoto por este fazer referência a alguns factos desfavoráveis às cidades gregas, classificando o autor das *Historiae* como um φιλοβάβραρος³⁵⁵.

Ainda sobre as potencialidades pedagógicas dos exemplos menos dignificantes, Plutarco, defendendo que a literatura pode ser um boa introdução ao estudo da filosofia, disciplina que integrava o nível superior, sabe que muitas vezes os textos descrevem acções menos próprias, mas que, mesmo assim, podem ter o seu valor:³⁵⁶

ἡ γὰρ τῶν φαύλων διάθεσις ἔργων καὶ μίμησις ἂν προσapoδῶ τὴν συμβαίνουσαν αἰσχύνην καὶ βλάβην τοῖς ἐργασασμένοις, ὡφέλησεν οὐκ ἔβλαψε τὸν ἀκρώμενον. οἱ γοῦν φιλόσοφοι παραδείγμασι χρῶνται, νουθετοῦντες καὶ παιδεύοντες ἐξ ὑποκειμένων· οἱ δὲ ποιηταὶ ταῦτα ποιοῦσι πλάττοντες αὐτοὶ πράγματα καὶ μυθολογοῦντες.

De facto, a descrição e a imitação das acções funestas, se representarem a desonra e o dano que causam aos que as realizam, têm utilidade e não prejudicam os que as ouvem. Os filósofos recorrem sem dúvida a exemplos, quando pretendem corrigir e ensinar a partir dos feitos que estão perto; os poetas, por sua vez, fazem estas coisas inventando eles próprios os factos e dando-lhes a forma de mitos.

A πρακτικὴ ἀρετὴ³⁵⁷ assume, sem dúvida, um lugar especial na mensagem das *Vitae* e também dos *Moralia*, pois Plutarco tinha consciência de que não poderia basear a sua estratégia na filosofia abstracta ou na pura eloquência formal³⁵⁸, mas no exercício da virtude prática, sendo necessário para isso educar aqueles que detinham o poder³⁵⁹, não tivesse ele vivido numa época

³⁵⁵ *De Herod. mal.* 857A; em *De Alex. fort. aut uirt.* 344B o mesmo vocábulo é aplicado à *tyche*, sendo sintomático que Plutarco não volte a usar mais este adjectivo na sua obra.

³⁵⁶ *De aud.* 20B-C; sobre o uso de acções malévolas para ensinar, S.-T. Teodorsson (2005a: 662) opina o seguinte: “Plutarco argue incluso, a favor de la descripción de malas acciones y sus consecuencias nocivas y deshonorosas, que pueden ser más útiles que la filosofía, puesto que clarifican con mayor eficacia, mediante acciones inventadas, mientras que la filosofía utiliza sobre todo admonición e instrucciones sistemáticas.”

³⁵⁷ Cf. *An seni resp.* 783F e 786C-D; expressão que se opõe ao princípio ó θεωρητικός βίος (cf. *Per.* 16.7 e *Cic.* 3.3); refira-se que o adjectivo πρακτικὴ também aparece a qualificar ὄρμη (cf. *Per.* 2.4 e *Brut.* 1.3) e προαίρεσις (cf. *De uirt. mor.* 446D).

³⁵⁸ Considera que para o político vale mais o conteúdo do que os aspectos formais do discurso (cf. *Praec. ger. reip.* 802E-F).

³⁵⁹ Sobre as virtudes que um político deve ter vide *Praec. ger. reip.* 799A, 800B-801A e 821B;

decadente a nível moral. Mas, ao valorizar os actos em vez das ideias, não estará a ser incongruente com a sua obra? Talvez não. Um primeiro argumento pode encontrar-se no *De Alexandri fortuna aut uirtute*, em que Alexandre é considerado um filósofo e a própria filosofia é acção. Por sua vez, no tratado *De gloria Atheniensium*, discutindo se a glória de Atenas se deve mais aos homens ligados à arte ou aos generais e políticos, o autor confessa que prefere o general ao pintor, o troféu à pintura e a verdade à imitação³⁶⁰, chegando mesmo a dizer que até os poetas consideram os actos mais importantes do que as palavras.³⁶¹ Saliente-se que, nesse mesmo tratado, Plutarco esboça uma acusação aos Atenienses por gastarem mais tempo com os dramas trágicos do que com as guerras contra os bárbaros, em favor da hegemonia e da liberdade da sua pátria. Segundo ele, a gloriosa Atenas, que fomentou tão diferentes artes³⁶², não teve nenhum autor épico ou lírico célebre, a comédia era indigna e a tragédia só foi divulgada por causa do espectáculo³⁶³. Por isso, comparando, em tom irónico, a acção de Péricles e de Isócrates, afirma que o *polemos* contribuiu mais do que a *sophia* para a sua glória:³⁶⁴

Περικλῆς ἔννεα μηοὶ Σαμίους καταστρεψάμενος ἐφρόνει τοῦ Ἀγαμέμνονος μείζον ἔτει δεκάτῳ τὴν Τροίαν ἐλόντος· Ἴσοκράτης δὲ μικροῦ τρεῖς ὀλυμπιάδας ἀνήλωσεν, ἵνα γράψῃ τὸν πανηγυρικὸν λόγον, οὐ στρατευσάμενος ἐν τούτοις τοῖς χρόνοις οὐδὲ πρεσβεύσας οὐδὲ πόλιν κτίσας οὐδὲ ναύαρχος ἐκπεμφθεὶς, καίτοι μυρίου τοῦ τότε χρόνου πολέμους ἐνέγκαντος·

Após ter subjugado os Sâmios em nove meses, Péricles orgulhava-se mais do que Agamémnon pela conquista de Tróia no décimo ano; Isócrates gastou quase três Olimpíadas [doze anos] para escrever o *Panegírico*³⁶⁵, e durante esse tempo não participou em nenhum conflito, nem fez parte de embaixadas, nem fundou nenhuma cidade, nem foi enviado como chefe de uma frota, embora tivessem ocorrido muitas guerras nesse tempo.

Este tratado, ao recordar os feitos heróicos do passado, de homens como Péricles e Temístocles, evoca eloquentemente uma memória, que serve de sinal para o tempo presente e tem também um papel pedagógico. Não é um apelo a que surjam combatentes que lutem contra Roma, mas que os Gregos saibam

Cor. 15.4.

³⁶⁰ Cf. *De gloria Ath.* 346F.

³⁶¹ Cf. *ibid.*, 347F-348A.

³⁶² Cf. *ibid.* 345F.

³⁶³ Cf. *ibid.* 348B-C.

³⁶⁴ *Ibid.* 350E-F.

³⁶⁵ Em *X or. uit.* 837F afirma-se que para uns demorou dez e para outros quinze anos a escrever o *Panegírico*; Quint. *Inst. Or.* 10.4.4 segue a lição que indica a duração de dez anos: panegyricum Isocratis qui parcissime decem annis dicunt elaboratum.

permanecer fiéis a uma herança cultural, repleta de confrontos grandiosos e de sabedoria, bem representada nos diversos tipos de arte.

Para que o efeito mimético não se perdesse, tendo em conta que retratava figuras de um passado distante e outras, as Romanas, pouco familiares para os Gregos, e para que não houvesse um desfazamento entre os biografados e a realidade, Plutarco, na redacção das *Vitae*, teve de aproximar-se da metodologia do historiador, de modo a ser o mais objectivo possível, partilhando a este nível muitas características com os seus contemporâneos. Assim, logo que tivesse definido o objectivo da narrativa e a leitura prévia das fontes estivesse realizada, passava à elaboração de um *hypomnema* que seguia geralmente uma só fonte, embora aludisse a muitas outras. Depois, redigia uma versão definitiva a partir das fontes, apoiada em larga medida na memória³⁶⁶. A forma “peculiar” como utilizava as suas fontes, atestada pela forma como atribui a uma personagem determinados feitos ou atitudes que os historiadores não registaram, quer quando omite ou sobrevaloriza outros elementos em favor da caracterização do biografado, revelam a sua liberdade criativa. Como refere na biografia de Demóstenes, tinha a firme intenção de traçar o *τρόπος* e o *ἦθος* da sua personagem a partir das *praxeis* e também da actividade política.³⁶⁷

De tal forma valoriza o indivíduo, sem o desvincular do tempo histórico em que viveu, que, como sustenta B. Bucher-Isler (1972) ao fazer o catálogo de virtudes e vícios das personagens, a documentação histórica é apresentada em função da perspectiva ética³⁶⁸. Note-se, aliás, que o facto de o herói ser a figura central se prova pela seguinte constatação: quando o herói é o protagonista da narrativa, o relato é feito na terceira pessoa do singular, enquanto no momento da narração histórica (*διήγησις ιστορική*)³⁶⁹ se usa o plural ou a forma impessoal. É o herói e as suas características que dominam a narrativa, mesmo que isso signifique prescindir do relato integral da acção.

Plutarco sabe que antes dele outros discorreram sobre as personagens que agora seleccionou para as *Vitae*, mas isso não o parece preocupar, antes o incentiva a procurar um estilo próprio. No prólogo da biografia de Nícias, por exemplo, manifesta o desejo de abreviar o que outros autores já desenvolveram de forma até mais pormenorizada:³⁷⁰

³⁶⁶ Cf. C. Pelling (2002a: 1-44).

³⁶⁷ *Dem.* 11.7.

³⁶⁸ Também os estudos de C. Pelling (2002d: 91-116) e de D. Russel (1963: 21-8) revelam a interdependência entre o indivíduo e a história, considerando que Plutarco dá notoriamente a primazia ao indivíduo.

³⁶⁹ *De Herod. mal.* 856B.

³⁷⁰ *Nic.* 1.5.

ἄς γοῦν Θουκυδίδης ἐξήνεγκε πράξεις καὶ Φίλιστος (FGh 556 F 54) ἐπεὶ παρελθεῖν οὐκ ἔστι, μάλιστα γὰρ δὴ τὸν τρόπον καὶ τὴν διάθεσιν τοῦ ἀνδρὸς ὑπὸ πολλῶν καὶ μεγάλων παθῶν καλυπτομένην περιεχούσας, ἐπιδραμῶν βραχέως καὶ διὰ τῶν ἀναγκαίων, ἵνα μὴ παντάπασιν ἀμελής δοκῶ καὶ ἀργὸς εἶναι, τὰ διαφεύγοντα τοὺς πολλοὺς, ὑφ' ἐτέρων δ' εἰρημένα σποράδην ἢ πρὸς ἀναθήμασιν ἢ ψηφίσμασιν εὐρημένα παλαιοῖς πεπεῖραμαι συναγαγεῖν, οὐ τὴν ἄχρηστον ἀθροίζων ἱστορίαν, ἀλλὰ τὴν πρὸς κατανόησιν ἧθους καὶ τρόπου παραδιδούς.

Em relação às acções que Tucídides e Filisto descreveram, não é possível omiti-las por conterem variadíssimos elementos sobre o carácter e a disposição do homem, dissimulados sob muitas e grandes paixões, que percorri de forma breve e cingindo-me ao essencial, para que não pareça totalmente descuidado e preguiçoso. O que muitos ignoraram e que se encontra esporadicamente em outros [autores] ou se descobre nas oferendas votivas ou nos antigos decretos é o que me esforço por reunir, não para coligir material inútil, mas para dar um contributo à compreensão dos caracteres e da conduta.

Este texto fornece, desta forma, mais elementos para determinarmos a metodologia de Plutarco. Desde logo, assume que teve em conta duas fontes, Tucídides e Filisto, mas que também usou material “alternativo” que muitos ignoraram (τὰ διαφεύγοντα τοὺς πολλοὺς)³⁷¹ ou que muito poucos referiram (ὑφ' ἐτέρων δ' εἰρημένα σποράδην), evidenciando, desta forma, que desenvolveu um trabalho de investigação e de procura de outras fontes: as oferendas votivas e os antigos decretos ἀναθήμασιν ἢ ψηφίσμασιν εὐρημένα παλαιοῖς). Recorda, por fim, o seu objectivo de reunir a documentação credível e necessária para compor uma narração útil, em que as πράξεις auxiliem na compreensão do carácter e da conduta (πρὸς κατανόησιν ἧθους καὶ τρόπου). Repare-se como Plutarco nos confirma, mais uma vez, o seu cuidado no manuseamento das fontes e na selecção de autores mais fidedignos, entre os quais figura Tucídides³⁷².

Conhecedor e estudioso do passado e das fontes, Plutarco tem plena consciência do efeito erosivo do χρόνος na consolidação ou pervivência dos factos históricos, bem como as alterações a que o λόγος poderá estar sujeito. Se os acontecimentos distantes se degradam com o evoluir do tempo, podendo

³⁷¹ Cf. *Dem.* 2.1 (διαφυγόντα), sobre o sentido de πολλοὺς vide L. Piccirilli (1988: 54, n. 48).

³⁷² Em *Nic.* 1.1 e 1.4, critica Timeu, um historiador da época helenística, por querer superar a eloquência de Tucídides; em *Arat.* 28.12, considera que Filarco não πιστεύειν ἄξιον ἦν, por não ter tido em conta Políbio; em relação a Heródoto, critica-o por condicionar a narrativa de modo a introduzir os insucessos de alguém (ἀτυχήματα) ou acções inúteis, que mais não fazem do que desacreditar as fontes, coisa que, segundo Plutarco, Tucídides não fez (cf. *De Herod. mal.* 855C-D); são muitas as vezes que se refere a Tucídides e o cita, com especial incidência nas biografias de Péricles e Nícias, qualificando-o de “homem sábio” (ἄνδρα σώφρονα, *Per.* 11.1)

mesmo ficar irremediavelmente perdidos, os factos próximos, pela sua parte, estão sujeitos à subjectividade e à intencionalidade do relator. Disso nos dá conta na biografia de Péricles:³⁷³ οὕτως ἔοικε πάντη χαλεπὸν εἶναι καὶ δυσθήρατον ἱστορίᾳ τάληθές, ὅταν οἱ μὲν ὕστερον γεγονότες τὸν χρόνον ἔχωσιν ἐπιπροσθοῦντα τῇ γνώσει τῶν πραγμάτων, ἢ δὲ τῶν πράξεων καὶ τῶν βίων ἡλικιωτῆς ἱστορία τὰ μὲν φθόνοις καὶ δυσμενεῖαις, τὰ δὲ χαριζομένη καὶ κολακεύουσα λυμαίνηται καὶ διαστρέφη τὴν ἀλήθειαν (Por aqui se vê até que ponto é árdua e difícil para a história a tarefa de apurar a verdade: quando os que nasceram depois se debatem com o obscurcimento provocado pelo tempo no conhecimento dos factos, e a narração contemporânea das acções e das vidas contemporâneas desfigura e distorce a verdade, ora por invejas e malevolências, ora por complacências e lisonjas). Deste modo, as acções que ocorreram no passado colocam ao investigador problemas de credibilidade, por se terem afastado da realidade e aproximado do mito ou da falsidade, sendo, nestes casos, exigido um processo de depuração, como Plutarco faz no par *Theseus–Romulus*³⁷⁴; além disso, as narrações contemporâneas dos factos não são uma garantia de veracidade por quatro razões: invejas (φθόνοις), malevolências (δυσμενεῖαις), complacências (χαριζομένη) e lisonjas (κολακεύουσα). Isto indicia que Plutarco, perseguindo a verdade na sua narração biográfica, terá usado com cautela as suas fontes³⁷⁵.

Outro aspecto a ter em conta é o facto de nenhum leitor dos *Moralia* ou das *Vitae* ser indiferente ao elemento moral, pois ele é determinante na sua composição. O biógrafo de Queroneia procura nos seus retratos sublinhar a prática da virtude, que funciona quase como *leitmotiv* da obra. Entende a virtude como uma defesa contra o mal, tal como aparece nos textos aristotélicos³⁷⁶. Na biografia de Catão de Útica é esclarecedor sobre esta matéria:³⁷⁷

οὕτως ἐφαίνοντο φοβεροὶ μὲν τοῖς πολεμίοις, ἡμεροὶ δὲ τοῖς συμμάχοις, ἄτολμοι δὲ πρὸς τὸ ἀδικεῖν, φιλότιμοι δὲ πρὸς τοὺς ἐπαίνους. οὐ δ' ἦκιστα Κάτων ἐπεμελήθη, τοῦτο πλεῖστον ὑπῆρχεν αὐτῷ, καὶ δόξα καὶ χάρις καὶ ὑπερβάλλουσα τιμὴ καὶ φιλοφροσύνη παρὰ τῶν στρατιωτῶν. ἃ γὰρ ἑτέροις ἐπέταττεν, ἐκουσίως διαπονῶν, καὶ στολὴν μὰν καὶ δίαιταν καὶ πορείαν ἐκείνοις μᾶλλον ἢ τοῖς ἄρχουσιν ὁμοιούμενος, ἤθει δὲ καὶ φρονήματι καὶ λόγῳ πάντας ὑπεραίρων τοὺς αὐτοκράτορας καὶ στρατηγούς προσαγορευομένους, ἔλαθε διὰ τούτων ἅμα τὴν πρὸς αὐτὸν εὐνοίαν <ἐν>εργασάμενος τοῖς ἀνδράσιν.

³⁷³ 13.16.

³⁷⁴ Sobre o papel do mito no pensamento de Plutarco, remetemos para os trabalhos de Y. Vernière (1977) e Ph. Hardie (1992: 4743–4787), embora os autores não se dediquem sobretudo a analisar o material mitográfico dos *Moralia*.

³⁷⁵ Cf. *Nic.* 1.5.

³⁷⁶ E.g. *EN* 1107b 3.

³⁷⁷ *Cat. Mi.* 9.7–10.

como se tivesse sido morto por causa da proscricção, e adquiriu-a, ele próprio, por duas mil dracmas³²⁰. Mas, quando Róscio, filho e herdeiro do morto, se indignou e demonstrou que a fortuna valia duzentos e cinquenta talentos, Sula, refutando as acusações, irritou-se e moveu, por maquinação de Crisógono, um processo a Róscio por parricídio; ninguém o defendeu, antes pelo contrário, afastaram-se dele por temerem a hostilidade de Sula; de tal forma que Róscio, ao ver-se só, recorreu a Cícero. Os amigos deste incitaram-no a fazer a defesa, pois não poderia ter um começo tão brilhante e belo para a sua fama. Depois de tomar a seu cargo a defesa de Róscio e de ter vencido o processo, foi objecto de admiração, porém, por receio de Sula, viajou para a Grécia, espalhando, por isso, a notícia de que precisava de tratar do seu corpo. Na verdade, ele tinha uma constituição frágil e magra, e por causa da debilidade do seu estômago comia, com dificuldade, alimentos pequenos e ligeiros, a uma hora tardia. A sua voz forte e bela, mas rígida e não modulada, pronunciada sempre em tons elevados por causa da veemência e da paixão que usava na eloquência, punha em perigo a sua saúde.

Foi, então, para Atenas, onde foi discípulo de Antíoco de Ascalão³²¹, seduzido pela abundância e pela graciosidade da sua eloquência, apesar de não aprovar as suas doutrinas inovadoras. Na altura já Antíoco tinha saído da chamada Nova Academia e abandonado a doutrina de Carnéades, fosse por se ter deixado levar pela expressividade e pelos sentidos, fosse, como alguns referem, por uma certa ambição e divergência com os que acompanhavam Clitómaco e Filon, abraçando, a partir da mudança, o estoicismo na maioria dos assuntos. Cícero, por sua vez, amava as velhas doutrinas e preferia-as a outras, planeando, se se afastasse de vez da acção pública, mudar-se para Atenas, longe do Foro e da actividade política, para passar a viver, em paz, junto da filosofia. Quando levaram a Cícero a notícia da morte de Sula³²², o seu corpo, revigorado com os exercícios, caminhava para uma forma robusta e a voz, agradável e forte, depois de modulada, formou-se para o ouvido, além de se ter ajustado, com harmonia, à constituição do seu corpo. Por um lado, as muitas cartas, escritas pelos amigos, que vinham de Roma, a pedir-lhe que regressasse, por outro, Antíoco que o exortava a seguir de perto os assuntos da vida pública. Ele, então, começou novamente a cultivar a sua eloquência retórica, como se fosse um instrumento³²³, e estimulou a sua capacidade política, exercitando-se de forma aplicada e frequentando os retores de renome. Por isso, viajou para a Ásia e Rodes, e, dos retores asiáticos, teve lições com Xenócles de Adramiteu, Dionísio da Magnésia e Menipo de Cária, em Rodes, e também com Apolónio, filho de Mólón, e com o filósofo Posidónio. Conta-se que Apolónio, por não entender a língua latina, pediu a Cícero para declamar em Grego. Ele aceitou com

³²⁰ Valor que não coincide com aquele que aparece em Cic. *Pro Rosc.* 21.

³²¹ Cf. *Luc.* 42.3.

³²² No ano 78 a. C. (cf. *Sull.* 37.4).

³²³ Também em *Cat. Mi.* 4.3, *Caes.* 3 e *Praec. ger. reip.* 881C, a retórica surge como um instrumento necessário para o eficaz desempenho político.

gosto, pensando que dessa forma seria mais facilmente corrigido. Depois de ele declamar, enquanto se admiravam e rivalizavam em elogios a Cícero, Apolónio, que, ao ouvi-lo, não se moveu, logo que ele chegou ao fim, permaneceu em reflexão durante muito tempo. Estando já Cícero irritado, Apolónio disse: “Cícero, louvo e admiro-te, mas lamento a sorte da Grécia, vendo que os únicos bens que nos estavam reservados, a cultura e a eloquência, estão, graças a ti, presentes nos Romanos”³²⁴.

O texto começa por lembrar três etapas da *paideia* de Cícero, logo após as actividades próprias da infância: as lições com Fílon de Larissa³²⁵, o primeiro contacto com as leis por meio de Múcio e a participação na guerra contra Mitridates. Quanto a Fílon — discípulo de Clitómaco, que foi, por sua vez, discípulo de Carnéades e a quem se ficou a dever o conhecimento do pensamento do mestre, obra que Plutarco terá mesmo consultado³²⁶—, que durante a Guerra Mitridática deixou Atenas e se exilou em Roma³²⁷, sabemos que não foi ele, um representante da Antiga Academia, que proporcionou a Cícero o primeiro contacto com a filosofia³²⁸, mas Fedro quando aquele ainda era um *puer*³²⁹. Das relações com homens ligados à *politeia* romana e, em especial, com Quinto Múcio Cévola, cônsul em 95 e conhecido jurista, terá aprendido como funcionava o Senado.³³⁰ Além disso, participou como *legatus* na Guerra Mársica (ano 89), sob o comando de Sula, ganhando experiência na guerra. Depois disso, a *στάσις* política de 88 — ano em que Sula obtém o consulado e em que a *Vrbs* vive momentos de grande instabilidade, devido ao confronto entre Sula e Mário — marca o momento em que Cícero se retira para uma vida dedicada ao estudo e ao saber, cabendo à cultura grega um especial relevo nas matérias que pretende aprofundar. Plutarco não refere o nome dos letrados gregos (“Ἑλληνί ... φιλολόγοις) que ensinaram Cícero, mas estará a referir-se ao estóico Diodoto ou a Apolónio, filho de Mólou³³¹. Na sua obra³³², Cícero refere que foi com Diodoto que aprendeu diversas matérias, em particular a eloquência. A história que se segue, ocorrida no ano 80 a.

³²⁴ Cf. C. Nepos, *vir. ill.* 81.2.

³²⁵ Cf. D. Babut (t2003: 223 ss.).

³²⁶ Cf. D. Babut (t2003: 33, n. 8; 48 ss.).

³²⁷ Cf. Cic., *Brut.* 306.

³²⁸ Sobre a relação de Cícero com a filosofia grega, vide a síntese de G. Striker (2001: 189-198).

³²⁹ Cf. Cic. *Ad fam.* 13.1.2.

³³⁰ Cf. Cic. *De or.* 1.200.

³³¹ Cf. *Cic.* 4.5; tal como em *Caes.* 3.1, Plutarco atribui ao retor o nome de Apolónio, filho de Mólou, enquanto Cícero se refere a ele simplesmente como Mólou (cf. *Brut.* 245, 307, 312, 316); também Suet. *Caes.* 4.1 e Quint. 3.1.16 mencionam Apolónio, e Strab. 14.2.13 distingue Apolónio de Mólou, daí a problemática subsistir.

³³² Cf. *Brut.* 308 ss. e *Acad.* 2.115.

C.³³³, envolvendo Crisógono, um liberto de Sula, e Sexto Róscio, serve para demonstrar o início brilhante da carreira de Cícero, na defesa de uma causa que estaria à partida perdida, pelo facto de a contenda envolver Sula e o seu liberto. De modo a vencer o processo, baseou a sua argumentação no facto de Crisógono não ter respeitado a tramitação legal de um processo relativo a um proscrito, segundo a *lex Cornelia de proscriptione*, datada de 82 a. C..

Logo após este auspicioso começo, Cícero, receando Sula, foi para a Grécia, em 79 a. C., com o pretexto de necessitar de exercitar o seu corpo, uma vez que a sua constituição não era das mais fortes³³⁴. Aí foi discípulo de Antíoco de Ascalão, um *nobilissimus et prudentissimus philosophus*³³⁵ da Velha Academia³³⁶, cujas ideias se tinham diferenciado das de Clitómaco e Carnéades, da Nova Academia, e que tinha passado a seguir os preceitos estóicos³³⁷. Veja-se como, no texto, se confrontam dois modelos quando se refere o momento de meditação de Cícero (διανοούμενος): o modelo grego, mais dedicado à filosofia, num contexto de paz e tranquilidade, e a vida em Roma mais preenchida com os assuntos políticos e os debates. Estes dois estilos de vida não são mais do que o conhecido binómio *otium-negotium*, perante o qual Cícero revela alguma indecisão.

Após a morte de Sula, os amigos pedem a Cícero que regresse a Roma³³⁸, do mesmo modo que o próprio Antíoco o estimula para a *politeia*, numa altura em que o seu corpo e a sua voz exibiam uma saudável harmonia³³⁹. Nas viagens pela Ásia recebe, sobretudo, lições de retórica de Xénocles de Adramiteu, de quem se suspeitou ser um filo-Mitridates³⁴⁰, de Dionísio da Magnésia, muito ouvido por Cícero³⁴¹, e de Menipo de Cária, tido pelo melhor retor da Ásia Menor e conhecido pelo seu aticismo³⁴²; em Rodes, foi seu mestre o retor

³³³ Cf. Quint. 12.6.4.

³³⁴ Tal como a constituição física de Demóstenes, de tal forma que a mãe e os mestres não o deixavam cansar-se (cf. *Dem.*4.4).

³³⁵ Cf. *Cic. Brut.* 315.

³³⁶ No entanto, em *Luc.* 42.3 e *Brut.* 2.3, Antíoco aparece como um continuador de Platão; perante estas duas tradições diferentes e a partir da análise do tratado *Adversus Colotem*, D. Babut (t2003: 223-5) considera que a versão expressa na biografia de Cícero reproduz a opinião de Plutarco, enquanto nos outros casos se trata da opinião de Luculo e Bruto.

³³⁷ Cícero (*Brut.* 315) nomeia Demétrio Sírio como seu mestre de retórica em Atenas, embora seja nas viagens à Ásia e a Rodes que irá encontrar os melhores retores.

³³⁸ Em *Caes.* 3.1, Plutarco refere que, quando os amigos pedem a César para regressar a Roma após a morte de Sula, ele dirigiu-se para Rodes com o intuito de aprender junto de Apolónio, filho de Mólou, o mesmo de quem Cícero havia sido discípulo.

³³⁹ Cf. *Cic.* 3.6-7; Cícero (*Brut.* 316) afirma que essa harmonia havia sido conseguida com a sua passagem pela Ásia e por Rodes, algo que em Plutarco acontece ainda em Atenas.

³⁴⁰ Cf. Strab. 13.1.66.

³⁴¹ Cf. *Cic. Brut.* 316.

³⁴² Em Cícero (*Brut.* 315), é o primeiro retor a ser mencionado (Menippus Statonicensis); registe-se que nesta mesma obra Cícero incluía Ésquilo de Cnido na lista dos retores da Ásia

Apolónio, a quem Cícero chama apenas Mólou³⁴³, e pelo filósofo estóico Posidónio de Apameia³⁴⁴, devendo-se a Plutarco muitos dos fragmentos que nos chegaram deste filósofo.

O texto termina com o discurso, em língua grega, proferido por Cícero a pedido de Apolónio, que o louva pela sua cultura (παιδείαν) e eloquência (λόγον), duas qualidades helénicas que os Romanos se sentiam estimulados a cultivar. O conhecimento que Cícero tinha da língua grega³⁴⁵ será novamente salientado por Plutarco:³⁴⁶

αὐτῷ δ' ἔργον μὲν ἦν τότε τοὺς φιλοσόφους συντελεῖν διαλόγους καὶ μεταφράζειν, καὶ τῶν διαλεκτικῶν ἢ φυσικῶν ὀνομάτων ἕκαστον εἰς τὴν Ῥωμαϊκὴν μεταβάλλειν διάλεκτον· ἐκεῖνος γάρ ἐστιν ὡς φασιν ὁ καὶ τὴν φαντασίαν καὶ τὴν ἐποχὴν καὶ τὴν συγκατάθεσιν καὶ τὴν κατάληψιν, ἔτι δὲ τὴν ἄτομον, τὸ ἀμερές, τὸ κενὸν καὶ ἄλλα πολλὰ τῶν τοιούτων ἐξονομάσας πρῶτος ἢ μάλιστα Ῥωμαίοις, τὰ μὲν μεταφοραῖς, τὰ δ' οἰκειότησιν ἄλλαις γινώριμα καὶ προσήγορα μηχανησάμενος.

Neste momento, tinha o trabalho de compor tratados filosóficos e traduzi-los, e também de transpor cada um dos termos da dialéctica e da física para a língua latina. Dizem que foi ele que primeiro designou em latim *phantasia*, *epoche*, *synkatathesis* e *katalepsis*, ainda *atomon*, *ameres*, *kenon* e muitos outros desta classe, ou criou, quer com metáforas, quer com outras habilidades, vocábulos mais familiares e conhecidos para os Romanos.

Fica, desta forma, comprovada a cultura de Cícero, tanto como autor de tratados filosóficos, como na tarefa de tradutor dos tratados platónicos³⁴⁷. Traduziu ainda para Latim termos técnicos relacionados com a dialéctica e a física, processo que Lucrecio havia iniciado, mas não de forma tão sistemática³⁴⁸. Tal só seria possível com o conhecimento que Cícero tinha da língua grega, aliado ao seu manifesto interesse pela filosofia grega. O acto de tradução significa, ainda, a necessidade de introduzir em Roma noções que eram pouco divulgadas, sendo a Grécia uma fonte privilegiada para os autores latinos.

Menor, nome ignorado por Plutarco.

³⁴³ Cf. *Brut.* 316.

³⁴⁴ Outras referências a Posidónio em *Ibes.* 25.5, *Fab.* 19.4, *Aem.* 20.6 e 21.7, *Marc.* 1.1, 9.7, 20.11 e 30.7, *Pomp.* 42.5 (reproduz o último discurso pronunciado por Posidónio, perante Pompeu), *Cic.* 4.5 e *Brut.* 1.6; nunca aparece a sua origem, sendo designado por *philosophos* ou apenas pelo nome; vide ainda *Plac. philos.* 885B, 888A e 893A.

³⁴⁵ Cícero reconhece na sua obra que o conhecimento da língua grega lhe foi muito útil para a sua actividade (cf. e.g. *Brut.* 310).

³⁴⁶ *Cic.* 40.2.

³⁴⁷ As edições costumam subentender, após μεταφράζειν, Πλάτωνος διαλόγους tal como dá conta *Quint.* 10.5.2.

³⁴⁸ Cf. S. Swain (1990a: 195, n. 10).

Depois da sua formação retórica junto dos oradores gregos e, em especial, dos da Ásia Menor e dos que viviam em Rodes, Cícero, para Plutarco o mais eloquente dos oradores³⁴⁹, regressa a Roma, em 77 a. C., para participar de forma activa nos assuntos políticos.³⁵⁰ Refere Plutarco que o oráculo de Delfos, muito popular entre os Romanos³⁵¹, aconselha Cícero a ter como guia na *politeia* e na vida, em geral, a *physis* e não a *πολλῶν δόξα*. Esta mensagem enquadra-se no valor que as *Vitae* atribuem às características inatas de cada um, embora necessitem de ser aperfeiçoadas. Como era ambicioso (*φιλότιμος*), depressa começou a evidenciar o seu talento nas discussões do Foro, apesar de o seu percurso até ao momento em que regressou a Roma lhe valer sobrenomes (insultuosos) como *Γραικός*³⁵² e *σχολαστικός*, que podem ser lidos como um sinal de que haveria na época uma certa hostilidade para com aqueles que aprendiam a cultura grega e a difundiam. Se “Grego” (*Γραικός*) se pode entender como aquele que estudou e passou a promover a cultura da Hélade, logo com sentido pejorativo e de algum sentimento anti-helénico, “estudioso” (*σχολαστικός*), relacionado com o conceito latino de *otium*, que traduz a dedicação ao estudo e à reflexão filosófica, não tem uma carga negativa, a não ser entre o povo rude (*Ῥωμαίων τοῖς βαναυσοτάτοις*) e pouco sensibilizado para a cultura³⁵³. Não se pense, contudo, que Cícero é sempre vítima de insultos, pois ele próprio usa esse tom na sua argumentação³⁵⁴, para desagrado de Plutarco³⁵⁵, e talvez por isso o orador romano tenha ganho a fama da *κακοήθεια*³⁵⁶.

Tal como em vários capítulos deste par, Plutarco sublinha aqui o paralelismo entre Cícero e Demóstenes, neste caso as lacunas de ambos na declamação³⁵⁷. Por isso, apresenta-os a assistirem com atenção à representação dramática, promovendo uma aproximação entre o papel do orador e o do

³⁴⁹ *Caes.* 54.5: ἔγραψε Κικέρων ἐγκώμιον Κάτωνος, ὄνομα τῷ λόγῳ θέμενος Κάτωνα· καὶ πολλοῖς ὁ λόγος ἦν διὰ σπουδῆς, ὡς εἰκός, ὑπὸ τοῦ δεινοτάτου τῶν ῥητόρων εἰς τὴν καλλίστην πεποιημένος ὑπόθεσιν (Cícero escreveu um encómio de Catão, a que deu o título de *Catão*; o livro teve êxito entre muitas pessoas, como seria de esperar de uma obra composta pelo mais hábil dos oradores sobre um tema belíssimo).

³⁵⁰ *Cic.* 5.

³⁵¹ Embora no tempo em que Cícero vive se note uma diminuição na devoção ao Oráculo, como o próprio reconhece em *De diu.* 1.38.

³⁵² Cf. S. Swain (1990a: 194, n. 5).

³⁵³ Também Demóstenes recebe dois apelidos (cf. *Dem.* 4.5-8): Βάταλος e Ἀργᾶς. Por causa da sua débil fisionomia chamavam-lhe “Bátalo”, nome de um flautista efeminado ou, segundo outros, de um poeta que terá composto versos licenciosos e mais próprios de pessoas ébrias. Quanto a “Argas”, tinha como causa a forma de ser algo selvagem e dura, pois esse era também o nome dado por alguns poetas à serpente, além de ser o nome de um poeta medíocre. Para Ésquines (2.99), terá ganho o apelido de “Argas”, após ter tentado processar os seus tutores.

³⁵⁴ Cf. *Cic.* 38.4.

³⁵⁵ Cf. *ibid.* 25.1 e 27.1, *Comp. Dem.-Cic.* 1.4.

³⁵⁶ Cf. *Cic.* 5.6.

³⁵⁷ Sobre os defeitos de Demóstenes, vide *Dem.* 6.3-5.

actor. Nesse sentido, Róscio e Esopo em Cícero, e Sátiro, actor trágico, em Demóstenes³⁵⁸, exercem uma função importante na performance oratória. Se, para Cícero³⁵⁹, o orador perfeito é aquele que ensina, diverte e comove o ânimo dos ouvintes (a diversão pela comédia, em Róscio, e a comoção pela tragédia em Esopo)³⁶⁰, sem omitir as semelhanças com o desempenho do actor³⁶¹ e o proveito que se pode tirar dele para a arte retórica, Plutarco parece não ser também alheio a esses objectivos, preferindo, no entanto, realçar a ligação entre a *politeia* e a retórica. Para Plutarco, o político deve como o actor adaptar-se às circunstâncias da acção³⁶², tal como Platão³⁶³ e Aristóteles³⁶⁴ já haviam preconizado:³⁶⁵

ὅτι μέντοι τὰς οἴκοι τύχας καὶ δάκρυα καὶ ὄδυρμους ἀπολιπὼν ταῖς γυναιξὶν ὁ Δημοσθένης, ἃ τῇ πόλει συμφέρειν ᾤετο, ταῦτ' ἔπραττεν, ἐπαινῶ, καὶ τίθεμαι πολιτικῆς καὶ ἀνδρώδους ψυχῆς, ἀεὶ πρὸς τὸ κοινὸν ἰστάμενον καὶ τὰ οἰκεῖα πράγματα καὶ πάθη τοῖς δημοσίοις ἐπανέχοντα *** τηρεῖν τὸ ἀξίωμα, πολὺ μᾶλλον ἢ τοὺς ὑποκριτὰς τῶν βασιλικῶν καὶ τυραννικῶν προσώπων, οὓς ὀρῶμεν οὔτε κλαίοντας οὔτε γελῶντας ἐν τοῖς θεάτροις ὡς αὐτοὶ θέλουσιν, ἀλλ' ὡς ὁ ἀγὼν ἀπαιτεῖ πρὸς τὴν ὑπόθεσιν.

Contudo, Demóstenes deixou às mulheres as desventuras domésticas, as lágrimas e as lamentações. Fez isso por pensar que era proveitoso para a cidade, o que eu elogio, pois considero que é próprio da política e de uma alma viril estar junto do bem comum e submeter as obrigações e os sofrimentos domésticos aos assuntos públicos *** conservar a dignidade, muito mais do que os actores no papel de rei e de tiranos, por vermos nos teatros que eles nem choram nem riem como eles próprios desejam, mas como o tema da peça

³⁵⁸ Cf. *Dem.* 7; em *X or. uit.* 845A-B, não surge o nome de Sátiro, mas o de Andronico; em *An seni resp.* 795C, num episódio também narrado em *Dem.* 6.5, conta-se que Demostenes foi consolado por um velho de nome Eunomo, após um fracasso na assembleia, que lhe pediu para não se julgar mal a si próprio; este episódio também aparece em *Foc. Bibl.* 493a41.

³⁵⁹ Cf. *De opt. gen. or.* 3.

³⁶⁰ Róscio e Esopo eram amigos de Cícero (cf. respectivamente, *De leg.* 1.11 e *De div.* 1.80). Róscio mantinha relações com importantes personalidades de Roma (cf. *Sull.* 36.2) e Cícero defendeu-o no *Pro Roscio Comodeo*; Clódio Esopo — que representou o *Atreu* de Ácio (cf. *Tusc.* 4.55), tragédia da qual só nos chegaram alguns fragmentos, mas que certamente versaria sobre o tema mítico das relações pouco pacíficas entre dois irmãos, Tiestes e Atreu — foi um dos que votou a favor do regresso de Cícero do exílio; Róscio e Esopo surgem várias vezes associados na literatura latina: Fro. *AurCaes.* 1.7.2.6, Hor. *Ep.* 2.1.81, Porph. *Ep.* 2.1.81, Quint. 11.3.111, V. Max. *Mem.* 8.10.2.6.

³⁶¹ Cf. *De or.* 1.128 ss.

³⁶² Embora tenha consciência das diferenças, em *Praec. ger. reip.*, e.g. 813E-F, aponta diversas semelhanças entre o político e o actor.

³⁶³ *Phd.* 272a e *Epist.* 326a-327e.

³⁶⁴ *Pol.* 1312b, 1314b.

³⁶⁵ *Dem.* 22.5.

de teatro impõe.

É desta forma que o biógrafo manifesta a sua preferência por aqueles que fazem da *politeia* uma prioridade nas suas vidas³⁶⁶ e, apesar de haver semelhanças entre a acção de um político e a de um actor, reconhece as diferenças. O tempo da acção em ambas as actividades é, sem dúvida, muito importante, mas a realidade, neste caso, parece conferir, paradoxalmente, maior dramatismo ao que tem de tomar decisões. Se não se pode pôr em causa o papel basilar que o tempo desempenha na acção política, convém, no entanto, ter em conta que ele só é um aliado importante para aqueles que juntam o *καιρός* ao *λογισμός*.³⁶⁷

Apesar de tudo, Plutarco não deixa de reconhecer que a arte de representar pode ser um auxílio importante para a oratória, por causa da qualidade que pode conferir ao discurso:³⁶⁸ πεισθέντα δ' ὅσον ἐκ τῆς ὑποκρίσεως τῷ λόγῳ κόσμου καὶ χάριτος πρόσσει, μικρὸν ἠγήσασθαι καὶ τὸ μηδὲν εἶναι τὴν ἄκνησιν ἀμελοῦντι τῆς προφορᾶς καὶ διαθέσεως τῶν λεγομένων ([Demóstenes] convence-se como a arte do actor está ligada ao ornamento e à beleza do discurso, e que o exercício pouco ou nada conta se se descuidar a declamação e a disposição do que se diz).

Quanto às qualidades de Demóstenes, Plutarco discorda de uma das suas fontes, Teopompo³⁶⁹, que considera o *tropos* do orador ἀβέβαιος³⁷⁰. No entanto, para o Queronense, uma das virtudes de Demóstenes é a sua coerência política e o facto de não mudar (μὴ μεταβαλλόμενος), mesmo quando isso acarretou sacrifícios para a sua pessoa³⁷¹. O próprio Demóstenes, nas suas obras, valoriza a honra e a dignidade, e a sua vida provou como foi um defensor desses princípios, a par da *andreia* e da honestidade de que investiu a sua *praxis*, sendo por isso equiparado, por Plutarco, não a oradores mas a homens como Címon, Tucídides e Péricles³⁷².

Será ele a tentar convencer os Tebanos a juntarem-se às restantes *poleis* contra os Macedónios, mas os Gregos haveriam de perder a sua liberdade, por acção da τύχη e da περιφορὰ πραγμάτων³⁷³, na famosa Batalha de Queroneia, em 338 a. C., que significou um momento de viragem no período helenístico.

³⁶⁶ Plutarco não é totalmente coerente, pois na biografia de Catão Censor, que atrás analisámos, elogia-o por dar primazia à família, em detrimento da *politeia*.

³⁶⁷ *Sert.* 16.10: no seu contexto, este texto surge quando Sertório procura ensinar aos *barbaroi* o valor do *kairos*.

³⁶⁸ *Dem.* 7.5; cf. *Comp. Dem.-Cic.* 1.4 e *Praec. ger. reip.* 802E.

³⁶⁹ Plutarco também discorda de Teopompo quando este refere que é com injustiça e falta de mérito que Demóstenes exerce a sua τοῦ ῥήτορος δύναμις (cf. *Dem.* 18.2-3).

³⁷⁰ Cf. *Dem.* 13.1.

³⁷¹ Cf. *ibid.* 13.2-4.

³⁷² Cf. *ibid.* 13.5.

³⁷³ Cf. *ibid.* 19.1.

Nesse confronto, Demóstenes, apesar de ser um ἀνὴρ ἀγαθός³⁷⁴, nada realizou de muito relevante, e por isso foi insultado e acusado pelos outros oradores pela derrota, mas acabou por ser absolvido pelo povo.

Após a morte de Filipe, Alexandre passaria a ser o protagonista, provocando com a vitória sobre os Tebanos enorme agitação em Atenas³⁷⁵. Demóstenes recusará integrar uma embaixada para estabelecer conversações com Alexandre e esse momento dita o início da perda do seu crédito, paralelo ao aumento da influência de Fócion e Démades³⁷⁶. Depois disso, o orador sai da cidade e passa o resto da sua vida em Rodes e na Jónia, onde exerce as funções de sofista. Por se ter deixado corromper por Hárpalo, o tesoureiro de Alexandre que, em 324, chega a Atenas, num claro sinal da sua então fraqueza de espírito, é preso e reage, como Cícero, muito mal ao exílio e a toda a adversidade da parte final da sua vida.³⁷⁷ É, assim, de uma forma pouco heróica que Demóstenes manifesta a sua desilusão pela vida. Como para Plutarco era importante manter a dignidade, a coragem, a moderação e a *dynamis* até ao fim, em especial numa situação de exílio ou ostracismo, suportar mal (ἀθυμῶν καὶ περίλυπος) essa adversidade é, em parte, um sinal de que a *paideia* não foi suficientemente aprofundada e os seus valores não foram interiorizados.

Apesar de as *poleis* gregas disputarem entre si qual lhe prestaria maiores homenagens, até Cícero, que tinha tido uma formação diversificada, não evitou que os acontecimentos influenciassem negativamente o seu *ethos*, algo que não seria expectável num homem com a sua *paideia*³⁷⁸. Nesse contexto, Plutarco escreve:³⁷⁹

καίτοι πολλάκις αὐτὸς ἤξιου τοὺς φίλους μὴ ῥήτορα καλεῖν αὐτόν, ἀλλὰ φιλόσοφον· φιλοσοφίαν γὰρ ὡς ἔργον ἠρῆσθαι, ῥητορικῇ δ' ὀργάνῳ χρῆσθαι πολιτευόμενος ἐπὶ τὰς χρείας. ἀλλ' ἡ δόξα δεινὴ τὸν λόγον ὡσπερ βαφὴν ἀποκλύσαι τῆς ψυχῆς καὶ τὰ τῶν πολλῶν ἐνομόρξασθαι πάθη δι' ὀμιλίαν καὶ συνήθειαν τοῖς πολιτευομένοις, ἂν μὴ τις εὖ μάλα φυλαττόμενος οὕτω συμφέρηται τοῖς ἐκτός, ὡς τῶν πραγμάτων αὐτῶν, οὐ τῶν ἐπὶ τοῖς πράγμασι παθῶν συμμεθέξων.

Na verdade, era ele próprio que pedia aos amigos que não o chamassem retor,

³⁷⁴ Cf. *ibid.* 20.2.

³⁷⁵ Cf. *ibid.* 23; vide também *Alex.* 11.7-12, onde Plutarco aproveita para realçar, apesar da derrota, a valentia e a ousadia dos Tebanos ao combaterem, em defesa da sua liberdade, um inimigo que possuía uma força mais numerosa.

³⁷⁶ Cf. *ibid.* 24.1.

³⁷⁷ *Dem.* 26.7.

³⁷⁸ *Cic.* 32.5; cf. 41.8.

³⁷⁹ *Ibid.* 32.6-7.

mas filósofo, pois havia tomado a filosofia como trabalho, enquanto usava a arte retórica como instrumento para as necessidades da vida política. Mas a opinião tem o poder de apagar, como uma tinta³⁸⁰, a razão da alma, e imprimir as paixões da maioria nos que governam por meio do diálogo e do relacionamento. Tal não aconteceria no caso de uma pessoa se precaver muito bem e se relacionar com os que estão de fora, com o intuito de participar somente dos assuntos e não das paixões que dizem respeito a esses assuntos.

Entende Plutarco que um indivíduo não se deve deixar influenciar pela opinião (δόξα) da maioria, nem pelas paixões (παθῶν) próprias dos assuntos que envolvem a *politeia*. Embora o exílio seja uma situação muito confrangedora, por implicar o afastamento da pátria, é nesses momentos que o espírito deve permanecer resoluto.

Apesar de Cícero ter revelado pouca perseverança no exílio, Plutarco desenvolve ao longo da biografia diversas qualidades evidenciadas por Cícero na *politeia*. Desde logo, salienta a ἐπιμελεία, a δικαιοσύνη e a πραότης³⁸¹, virtudes que lhe valeram, em 75 a. C., a nomeação para questor, ainda que o seu carácter não fosse isento de alguns excessos que desviam o homem de uma vida modelar, tais como o desejo de receber elogios e a paixão pela glória, que provocam o distúrbio do ὀρθὸς λογισμὸς.³⁸²

Não sendo um homem ganancioso³⁸³, algo que a sua posição social lhe poderia facilmente facultar, Cícero vivia com dignidade no meio de τῶν συμβιούντων Ἑλλήνων καὶ Ῥωμαίων φιλολογῶν³⁸⁴. Enquanto pretor (66 a. C.), mostrou ser equitativo e íntegro nas suas decisões, e até ele próprio achava que sempre havia tratado os réus com doçura (ἐπιεικῶς) e humanidade (φιλανθρώπως)³⁸⁵. No entanto, a virtude que mais deslumbrava os que directamente privavam com ele era a sua eloquência.³⁸⁶ Cícero defendia uma eloquência ligada à *politeia*, que visava o belo, o justo e a utilidade, sem se sacrificar a eficácia. O próprio Plutarco entende que o discurso não deve ser excessivamente teatral, mas ter por objectivo central aquilo que é útil³⁸⁷, sendo o *logos* um meio para se adquirir a benevolência junto dos ouvintes³⁸⁸.

³⁸⁰ Cf. *Per.* 8.1, *Otho* 73.4; *Max. cum. princ. phil.* 779C.

³⁸¹ Cf. *Cic.* 6.1.

³⁸² Cf. *ibid.* 6.5.

³⁸³ Cf. *ibid.* 8.2; em 36. 3-5, elogia-se a administração que Cícero fez dos bens.

³⁸⁴ Cf. *ibid.* 8.4.

³⁸⁵ Cf. *ibid.* 9.6.

³⁸⁶ *Ibid.* 13.1.

³⁸⁷ Cf. *Praec. ger. reip.* 803B.

³⁸⁸ Cf. *ibid.* 801C ss.

Os acontecimentos relacionados com a conjura de Catilina³⁸⁹, que ocupam uma parte significativa da narrativa, estimulam a inteligência, a sagacidade e a eloquência de Cícero. No momento de se decidir o castigo a dar aos conjurados, ele hesita por causa do seu carácter equilibrado (ἐπιείκεια ἥθους)³⁹⁰, uma vez que não desejava ser excessivo. O comportamento do orador nesse célebre processo valeu-lhe o título de “salvador e fundador da pátria” (σωτήρα καὶ κτίστην ... τῆς πατρίδος)³⁹¹, pois, se o povo devia aos generais a edificação do Império, atribuía a Cícero a segurança e o facto de ter controlado e banido a conspiração. Aliás, o próprio Cícero haveria de jurar que salvaria a pátria e conservaria o Império³⁹², tendo sido mesmo o primeiro a receber o título de πατέρα πατρίδος³⁹³, que lhe foi conferido por Catão de Útica na assembleia do povo.

A eloquência de Cícero, muito inclinada para o auto-elogio³⁹⁴, bem como uma ambição (φιλότιμα) desmedida pela glória, valeram-lhe muitos inimigos³⁹⁵ o que acabaria por ditar o seu exílio. Tal como Demóstenes, Alcibíades e Coriolano, também ele haveria de regressar à sua cidade, no seu caso após dezasseis meses³⁹⁶, revelando, para descontentamento de Catão, algum excesso³⁹⁷.

Se, no prólogo deste par, havia feito referência às dificuldades que enfrentou para reunir fontes, no início da *synkrisis*, Plutarco volta a manifestar a consciência, própria de um historiador, de que nem todas as fontes e factos chegaram ao seu conhecimento³⁹⁸.

A *synkrisis*, na realidade, ajuda a reforçar a ideia de que, tanto Demóstenes, como Cícero atingiram um tão grande nível oratório porque souberam desenvolver, mediante a *paideia* e o exercício que lhe está fatalmente inerente, as suas capacidades naturais: os discursos do Grego distinguem-se pela exactidão (ἀκριβεία) e pela habilidade (τέχνη)³⁹⁹ e os de Cícero evidenciam a sua vasta cultura, bem patente nos tratados que escreveu⁴⁰⁰.

³⁸⁹ Cf. *ibid.* 14-22.

³⁹⁰ Cf. *ibid.* 19.6.

³⁹¹ *Ibid.* 22.5.

³⁹² Cf. *ibid.* 23.3.

³⁹³ *Ibid.* 23.6.

³⁹⁴ Além de ter elogiado oradores e filósofos do seu tempo, como, por exemplo, Cratipo, o peripatético, para quem chegou a pedir o direito à cidadania romana; também Catão Censor lhe merece críticas pela sua tendência para o auto-elogio.

³⁹⁵ Cf. *ibid.* 24.1-5; este capítulo tem a curiosidade de Plutarco fazer referência a três autores gregos que serão alicerces importantes para a sua obra: Aristóteles, Platão e Teofrasto, por esta ordem; sobre inimizadas que Cícero fez despontar, vide Cic. 27.

³⁹⁶ Cf. *ibid.* 33: regresso do exílio.

³⁹⁷ Cf. *ibid.* 34.2.

³⁹⁸ Cf. *Comp. Dem.-Cic.* 1.1.

³⁹⁹ Cf. *ibid.* 1.2.

⁴⁰⁰ Cf. *ibid.* 1.3.

ἀλλὰ πρῶτον μὲν εὐπροσήγορος καὶ κοινὸς ὢν πελάσαι καὶ προσελθεῖν ἅπασιν, οἰκίαν τε παρέχων ἄκλειστον ὡς λιμένα φύξιμον αἰεὶ τοῖς χρήζουσι, καὶ τὸ κηδεμονικὸν καὶ φιλάνθρωπον οὐ χρεῖαις οὐδὲ πράξεσι μόνον ἀλλὰ καὶ τῷ συναλγεῖν πταίουσι καὶ κατορθοῦσι συγχαίρειν ἐπιδεικνύμενος· οὐδαμῆ δὲ λυπηρὸς οὐδ' ἐνοχλῶν οἰκετῶν πλήθει περὶ λουτρὸν ἢ καταλήψει τόπων ἐν θεάτροις οὐδὲ τοῖς ἰς τρυφὴν καὶ πολυτέλειαν ἐπιφθόνους παράσημος· ἀλλ' ἴσος καὶ ὁμαλὸς ἐσθῆτι καὶ διαίτη καὶ τροφαῖς παίδων καὶ θεραπείᾳ γυναικός, οἷον ὁμοδημεῖν καὶ συνανθρωπεῖν τοῖς πολλοῖς βουλόμενος. ἔπειτα σύμβουλον εὖνουν καὶ συνήγορον ἄμισθον καὶ διαλλακτὴν εὐμενῆ πρὸς γυναῖκας ἀνδρῶν καὶ φίλων πρὸς ἀλλήλους παρέχων ἑαυτὸν, οὐ μικρὸν ἡμέρας μέρος ἐπὶ τοῦ βήματος ἢ τοῦ λογείου πολιτευόμενος, εἴτ' ἤδη πάντα τὸν ἄλλον βίον

ἔλκων ἐφ' αὐτὸν ὥστε καικίας νέφη⁸⁴⁸

τὰς χρεῖας καὶ τὰς οἰκονομίας πανταχόθεν· ἀλλὰ δημοσιεύων αἰεὶ ταῖς φροντίσι, καὶ τὴν πολιτείαν βίον καὶ πρᾶξιν οὐκ ἀσχολίαν ὥσπερ οἱ πολλοὶ καὶ λειτουργίαν ἡγούμενος, πᾶσι τούτοις καὶ τοῖς τοιοῦτοις ἐπιστρέφει καὶ προσάγεται τοὺς πολλούς, νόθα καὶ κίβδηλα τὰ τῶν ἄλλων θωπεύματα καὶ δελεάσματα πρὸς τὴν τούτου κηδεμονίαν καὶ φρόνησιν ὀρῶντας.

Mas, em primeiro lugar, [o homem de Estado] é afável e sociável com todos os que dele se aproximam e o consultam. Tem a casa aberta como um porto sempre pronto a acolher os necessitados e demonstra a sua solicitude e humanidade não apenas nos afazeres e acções mas também ao partilhar a dor com os que fracassam e a congratular-se com os que alcançam êxito. De modo algum é molesto ou causa perturbação na multidão de escravos que o acompanha no banho ou na obtenção de lugares nos teatros, nem se distingue por incorrer em odiosas manifestações de arrogância e sumptuosidade. Mas mostra-se igual aos outros no vestir, no tipo de vida, na educação dos filhos, na forma cuidadosa como trata a esposa, por desejar ter uma vida igual à do povo e estar entre as pessoas. De seguida, disponibiliza-se como conselheiro indulgente, advogado gracioso, benévolo conciliador dos maridos com as esposas e dos amigos uns com os outros. Não passa, na sua acção política, uma pequena parte do dia sobre a tribuna ou sobre o estrado do teatro, e depois passa o resto do seu tempo

puxando para si próprio, como o vento sudeste as nuvens,

ocupações e serviços domésticos de todas as partes. Ocupa-se, ao invés, diligentemente dos assuntos públicos, por julgar a política a razão da sua vida

⁸⁴⁸ *Trag. adesp.* frg. 75 Nauck.

e das suas acções e um serviço, não uma perda de tempo, como muitos pensam. Com todas estas formas de conduta e outras iguais, atrai a atenção para si e ganha a benevolência do povo, quando este vê que as lisonjas e as formas de sedução de outros são enganosas e falsas em comparação com a solicitude e a inteligência dele.

Este texto descreve, assim, dois aspectos da *politeia*. Pelo facto de o *politikos* ser, antes de tudo, um cidadão como os demais, quando exerce funções governativas não se deve esquecer disso e manter-se ἴσος. Por outro lado, a *politeia*, obrigando a uma grande entrega, promove também a *captatio benevolentiae* dos cidadãos, de forma a que estes se identifiquem com quem exerce o poder.

As qualidades que um homem de Estado deve possuir podem resultar da sua *paideia* e do efeito pedagógico que deve procurar incutir no povo que governa, para ganhar o seu respeito e para que se sinta persuadido a imitá-lo. Além disso, atendendo ao facto de os Romanos ocuparem o poder, exigia-se que os Gregos exercessem a *politeia* de forma moderada. Os políticos gregos tinham, assim, uma liberdade limitada, à semelhança dos actores dramáticos que estavam obrigados a respeitar as regras daqueles que os dirigiam, pois se os actores expõem em palco o πάθος, o ἦθος e o ἀξίωμα⁸⁴⁹, também os heróis de Plutarco manifestam essas motivações na *praxis* política. Registe-se que, apesar de muitos gregos terem ocupado importantes funções nas hierarquia política romana, Plutarco refere-se só uma vez, talvez para não provocar reacções negativas nos Romanos, ao lamento de alguns dos seus contemporâneos por causa da carreira política:⁸⁵⁰

ἄλλος δέ τις Χίος, ἄλλος δὲ Γαλάτης ἢ Βιθυνὸς οὐκ ἀγαπῶν, εἴ τινος μερίδος ἢ δόξαν ἢ δύναμιν ἐν τοῖς ἑαυτοῦ πολίταις εἶληχεν, ἀλλὰ κλαίων ὅτι μὴ φορεῖ πατρικίους· ἐὰν δὲ καὶ φορῆ, ὅτι μηδέπω στρατηγεῖ Ῥωμαίων· ἐὰν δὲ καὶ στρατηγῆ, ὅτι μὴ ὑπατεύει· καὶ ὑπατεύων, ὅτι μὴ πρῶτος ἀλλ' ὕστερος ἀνηγορεύθη.

Um de Quios, outro Gálata ou Bitino, que não estando satisfeito com a parte de glória ou de poder que lhe coube entre os seus próprios concidadãos, mas chora por não usar calçado de patricio; mas, se o usa, chora por não ser ainda pretor dos Romanos; se já é pretor, porque não é cônsul; sendo cônsul, porque não foi o primeiro, mas o último a ser nomeado⁸⁵¹.

⁸⁴⁹ Cf. *Praec. ger. reip.* 813E; vide também 800B, 805D, 806A e 816F; cf. *Quaest. conu.* 711E, *Arist. Pol.* 1461b 30; vide F. Becchi (1995: 51-64).

⁸⁵⁰ *De tranq. an.* 470C; para uma análise deste passo vide S. Swain (1998r: 169-170).

⁸⁵¹ Cf. *Cic. Mur.* 8.18, sobre o valor de ser nomeado em primeiro lugar.

Como temos vindo a evidenciar, Plutarco analisa a *paideia* (a formação, a cultura, os valores) dos seus heróis em diversas circunstâncias. Não se fica pela apresentação abstracta de conceitos, mas prefere exemplificar as atitudes, as opções, os erros, as virtudes ou as dúvidas dos biografados a partir de casos concretos, em geral relacionados com a *politeia*. Além disso, só aqueles que têm *proairesis* política e sentem que desempenham um serviço em prol do bem comum deveriam dedicar-se à *politeia*. Na verdade, aquele que dirige e assume o comando da *politeia* tem de fomentar a justiça e a concórdia, evitar os excessos e, acima de tudo, ser modelo de princípios, que só se podem ter pela *paideia*, na qual a filosofia assume especial relevo. Nesta perspectiva, Plutarco apresenta uma solução intermédia entre o Estado educador de Platão e a autonomia moral defendida por Galeno, uma vez que não exclui a *paideia* dos meandros do poder, de modo a formar indivíduos moderados (μετρίω ... ἤθηι)⁸⁵². Plutarco tenta sempre conciliar as duas realidades: a individualidade, a personalidade e a *physis* do eu com a sociabilização a que esse eu está sujeito, tanto pela *paideia* como pelo contacto com a realidade exterior.

Vemos, assim, que Plutarco não negligencia na sua obra a *politeia*, que é uma das temáticas de maior interesse, mesmo sabendo que para imperadores como Domiciano ou Vespasiano, a colaboração, por exemplo, entre imperador e filósofos não era considerada importante⁸⁵³, facto que mudou substancialmente com a chegada de Trajano ao poder. À época de Trajano, juntamente com a do seu antecessor, Nerva, chama Tácito⁸⁵⁴ a *felicitas temporum* ou *beatissimum saeculum*, por causa da conciliação entre *principatus* e *libertas*. Assiste-se, nesta altura, a uma maior abertura e, com isso, os círculos intelectuais ganharam um novo impulso e uma maior liberdade para exporem os seus pensamentos⁸⁵⁵. Plínio, por exemplo, realça que a *humanitas* é uma das virtudes de Trajano⁸⁵⁶. O que se pede a este imperador é um pouco daquilo que o sábio Numa, figura tanto lendária como mítica, conhecido pelo valor que atribuía à justiça⁸⁵⁷, tentou fazer: gerar a concórdia e a paz, eliminar os atritos entre Sabinos e

⁸⁵² Cf. *Max. cum princ.* 778A.

⁸⁵³ Cf. e.g. J. Toynbee (1944: 43-58): alguns filósofos, especialmente estóicos e cínicos, no século I, decidiram retirar-se para um vida mais privada, como forma de mostrar o seu desagrado pela acção dos imperadores. Sobre a crueldade de Vespasiano, vide *Amat.* 771C.; em *Num.* 19.7 e *Quaest. Rom.* 276E, Plutarco revela alguns dos traços tirânicos de Domiciano. A respeito da *damnatio memoriae* de Domiciano, vide S. Levin (1985: 283-290) e L. de Blois (1997: 214-216).

⁸⁵⁴ *Hist.* 1.1; *Agr.* 3.

⁸⁵⁵ Sobre o papel social que o filósofo desempenhava no século II, vide J. Dillon (2002: 29-40), servindo-se dos exemplos do próprio Plutarco, que foi sacerdote em Delfos, ou de Amónio, que foi por três vezes *strategos* em Atenas, além de se dedicar à educação de efebos; junta a estes exemplos o de L. Víbio Êumenos da Fócea, que era honrado pelos seus concidadãos como *philosophos*, *strategos*, *boularchos*, *eirenarchos*, *ephebarchos*, *gymnasiarchos* e *agoranomos*.

⁸⁵⁶ *Pan.* 2.7, 3.4, 4.6, 24.2, 47.3, 49.5 e 71.5.

⁸⁵⁷ cf. *Phoc.* 3.8.

Romanos, substituir o impulso para a guerra por uma maior vivência religiosa. Ora, esses princípios são válidos no século II e constituem a base do ideal greco-romano, que Trajano deverá traduzir na sua política⁸⁵⁸.

Também Plutarco saiu favorecido por este novo clima, tendo defendido convictamente que o filósofo é uma peça essencial na *politeia*, cujo exercício tem implícita uma crítica ao princípio epicurista *λάθε βιώσας*⁸⁵⁹ ou aos Estóicos, como Zenão, Cleantes e Crisipo, que não participaram na vida pública, apesar de terem escrito sobre a *politeia*⁸⁶⁰. Contudo, não encontramos nos tratados que a seguir analisaremos, sempre com a *paideia* como pano de fundo, uma orgânica estruturada do Estado, mas um conjunto de preceitos políticos e éticos, que têm como preocupação central a integração do poder local da *polis* no ecumenismo do estado imperial, de modo a conservar, tanto quanto possível, um certo nível de autonomia. Não eram apenas os governadores enviados pelo Imperador que punham em causa o poder dos Gregos, mas também os centuriões, *beneficarii* e pessoal militar que reforçavam a presença romana no terreno, até ao nível do controlo económico⁸⁶¹.

Por conseguinte, o pensamento político de Plutarco indaga a validade do poder “municipal”⁸⁶², das *poleis*, abordando questões relativas à administração das cidades gregas a Oriente, e, num plano mais teórico, discute a natureza, o carácter e a finalidade da *ἀρχή*. Não são considerações abstractas por que tenta contribuir, com alguns conselhos, para a serenidade dessas *poleis*, por meio da acção pedagógica, ao tentar transmitir valores éticos e da própria *paideia*, para evitar impulsos despóticos e limitar a influência romana. Nesse sentido, diríamos que os tratados *Maxime cum principibus philosopho esse disserendum* e *Ad principem indoctum (ineruditum)* fazem, sobretudo, uma reflexão teórica sobre a *ἀρχή*, enquanto em *An seni respublica gerenda sit* e em *Praecepta gerendae reipublicae* se encontra a *praxis* política da administração local. Além disso, sublinhamos o apelo que se faz ao cumprimento da lei, mas sobretudo da lei

⁸⁵⁸ Além desta relação de Numa com Trajano, a propaganda imperial estabelece também uma conexão entre Numa e Adriano (cf. A. Pérez Jiménez (2004c: 53, n. 13). No entanto, o mesmo estudo refere que a personagem de Plutarco que melhor reflecte a imagem de Trajano é Emílio Paulo, por ter sempre como objectivo o bem da comunidade, pela sua *eusebeia* e pela sua religiosidade e fidelidade ao culto dos deuses, como o provam os sacrifícios que faz à lua, antes da Batalha de Pidna, embora conheça a teoria que explica os eclipses; F. Brenk (1992: 4363-7), por sua vez, estabelece a relação entre Nero-Marco António e Demétrio.

⁸⁵⁹ Cf. *De lat. uiu.* 1128A-1130E e *Praec. ger. reip.* 824B. Plutarco critica os epicuristas por tentarem dissuadir todos da *politeia*, além de não valorizarem as figuras ilustres da *politeia*, tanto do passado como do presente (cf. *Adu. Col.* 1127A-1127E).

⁸⁶⁰ Cf. *De Stoic. rep.* 1033B-C; por causa dessa atitude, Plutarco afirma que, contrariamente às suas obras, esses estóicos viveram mais em consonância com os preceitos de Epicuro ou de Hierónimo (cf. *ibid.* 1033C).

⁸⁶¹ Cf. L. de Blois (2004: 60 ss.).

⁸⁶² Cf. P. Desideri (1985: 391-405).

moral, daí o alcance das virtudes expostas: εὐβουλία, δικαιοσύνη, χρηστότης, μεγαλοφροσύνη, εὐνομία, δίκη, πράοτης e ἀλήθεια.⁸⁶³ Para melhor ilustrar as suas ideias, o Queronense recorre a modelos do passado: Péricles, entre os Gregos, e Cipião Emiliano e Catão de Útica, entre os Romanos, em *Maxime cum principibus*; já no tratado *Ad principem indoctum*, surgem Epaminondas e Catão de Útica, repetindo-se e juntando-se a estes dois a figura de Alexandre, talvez por este permitir a distinção do filósofo-rei⁸⁶⁴.

Assim, mais do que teorizador político, papel que lhe poderia acarretar problemas com a classe dirigente, numa altura em que se sentia alguma tensão, Plutarco prefere ser conselheiro, não ao estilo de Platão em Siracusa⁸⁶⁵, mas, com um discurso ético-moral e sem apoiar reestruturações radicais, tenta construir a imagem ideal daquele que exerce funções políticas, ou seja, adota sobretudo uma função de guia⁸⁶⁶. De acordo com os elementos que temos vindo a desenvolver, gera-se, em especial nos tratados políticos, uma tensão entre o papel relevante que o *politikos* deve desempenhar e as limitações que os Gregos sentiam perante o domínio romano. Por isso, a mensagem de Plutarco é essencialmente pragmática e reforça o sentido ético da *politeia*, de forma a que se crie entre Gregos e Romanos ou entre a classe dirigente e os cidadãos uma boa relação.

Em verdade, a vocação didáctica de Plutarco não tinha apenas uma intenção moralizante, mas também política, certamente influenciada pela propaganda que rodeava Nerva e Trajano, da qual fazem parte alguns discursos de Díon de Prusa e o *Panegyricus* de Plínio-o-Jovem⁸⁶⁷. Só dessa forma se percebem os seguintes paradoxos: Plutarco recusava todas as formas de tirania, mas mostra-se condescendente com o Império; não aprovava a intervenção do povo, designado por ὄχλος, mas admirava e louvava os valores da Democracia Ateniense e da República Romana.

Atendendo a este conjunto de vectores, procederemos de seguida a uma análise dos elementos mais relevantes de cada um dos tratados políticos que integram os *Moralia*. Acreditando que isso ajude a enriquecer o significado da *paideia* na obra de Plutarco, até porque ele considerava que o *politikos* podia, por um lado, exercer uma influência positiva no *ethos* daqueles que dependem

⁸⁶³ As quatro primeiras em *Max. cum princ.* e as outras em *Ad princ. ind.*

⁸⁶⁴ Sobre as possíveis razões do uso de Alexandre como modelo, vide G. Zecchini (2002: 195).

⁸⁶⁵ Tentou que Dionísio aí pusesse em prática o projecto que não conseguira implementar em Atenas (cf. Pl. *Epist.* VII).

⁸⁶⁶ Cf. C. Jones (1971: 111).

⁸⁶⁷ Ao contrário de A Wardman (1974: 100-4), há quem veja nas qualidades desenvolvidas por Plutarco nas *Vitae* uma alusão às virtudes de Trajano.

dele⁸⁶⁸ e, por outro, interessar-se pela *paideia* da comunidade⁸⁶⁹, mediante, por exemplo, a recordação de feitos do passado, como o decreto de amnistia após a queda dos Trinta ou o castigo aplicado a Frínico por ter representado numa tragédia a tomada de Mileto⁸⁷⁰.

1.3.1. *Maxime cum principibus philosopho esse disserendum 776B-779C*

Este tratado, que não consta no Catálogo de Lâmprias, desenvolve uma ideia fulcral no pensamento plutarquiano sobre a simbiose entre *paideia* e *politeia*: o filósofo deve estabelecer relações, de forma moderada, com aqueles que governam, para lhes transmitir os verdadeiros valores, de modo a que a acção política tenha por fim o bem de todos os cidadãos. Logo, a *philosophia*, como interveniente activa na realidade e como matéria basilar da formação do *pepaideumenos*, torna-se parceira da *politeia* e tem nesta um papel relevante.⁸⁷¹

Οὐκ “ἀνδριαντοποιός” ἔστιν ὁ τῆς φιλοσοφίας λόγος, “ὥστ’ ἐλινύοντα ποιεῖν ἀγάματ’ ἐπ’ αὐτᾶς βαθμίδος ἑσταότα” κατὰ Πίνδαρον· ἀλλ’ ἐνεργὰ βούλεται ποιεῖν ὧν ἂν ἄψηται καὶ πρακτικὰ καὶ ἔμψυχα καὶ κινητικὰς ὀρμὰς ἐντίθησι καὶ κρίσεις ἀγωγούς ἐπὶ τὰ ὠφέλιμα καὶ προαιρέσεις φιλοκάλους καὶ φρόνημα καὶ μέγεθος μετὰ πραότητος καὶ ἀσφαλείας, δι’ ὧν τοῖς ὑπερέχουσι καὶ δυνατοῖς ὁμιλοῦσιν οἱ πολιτικοὶ προθυμότερον. καὶ γάρ, ἂν ἰατρὸς ἢ φιλόκαλος, ἥδιον ὀφθαλμὸν ἰάσεται τὸν ὑπὲρ πολλῶν βλέποντα καὶ πολλοὺς φυλάσσοντα· καὶ φιλόσοφος ψυχῆς ἐπιμελήσεται προθυμότερον, ἦν ὑπὲρ πολλῶν φροντίζουσιν ὀρᾶ καὶ πολλοῖς φρονεῖν καὶ σωφρονεῖν καὶ δικαιοπραγεῖν ὀφείλουσαν.

O discurso da filosofia não é “fazedor de estátuas”, “a ponto de fazer estátuas que permanecem, em pé, inactivas sobre a sua própria base”, como afirmou Píndaro⁸⁷². A filosofia, porém, deseja tornar activas, ágeis e vivas as coisas que possa atingir, e estimula a acção, decisões que conduzem ao que é útil, princípios de beleza, inteligência, grandeza de espírito juntamente com a doçura e a simplicidade. Por isso, os filósofos⁸⁷³ relacionam-se de forma mais benévola com os que dominam e com os poderosos. De facto, se um médico é virtuoso, tratará melhor um olho que olha por muitos e que a muitos protege, como o filósofo cuidará com maior benevolência da alma que vê preocupar-se com

⁸⁶⁸ Cf. *Lyc.*30.4 e *Ad princ. ind.* 780B; sobre esta questão vide G. Aalders (1982: 45) e J. Hershbell (1995: 215-6).

⁸⁶⁹ Neste particular, Licurgo supera Numa por promover a mesma educação para todos desde o início (cf. *Comp. Lyc.-Num.* 4.4-5), uma vez que considera a *paideia* o assunto mais importante que o legislador tem em mãos (cf. *Lyc.* 14.1).

⁸⁷⁰ Estes e outros exemplos em *Praec. ger. reip.* 814B.

⁸⁷¹ Cf. *ibid.* 776C-D.

⁸⁷² Em *Nem.* 5.1.

⁸⁷³ Aqui o vocábulo *politikoi* parece referir-se aos filósofos que se interessam pela *politeia*.

muitos e que tem o dever de pensar, de agir com prudência e de praticar a justiça para benefício de muitos.

É deste modo que se defende a influência pedagógica da filosofia nos governantes, não devendo ela ser hermética, abstracta e alheia ao pulsar do seu tempo e dos problemas da sociedade⁸⁷⁴. Na verdade, o próprio autor apresenta o homem culto que participa activamente na *politeia*, tanto no exercício de cargos, como no papel de pensador que aconselha os seus amigos romanos e concidadãos gregos a enfrentarem as actuais circunstâncias.

Não só não é inusitado ou descabido que o filósofo mantenha relações cordiais com aqueles que detêm o poder⁸⁷⁵, como isso é um meio para que os princípios filosóficos cheguem a um maior número de pessoas⁸⁷⁶, como fez Anaxágoras com Péricles, Platão com Díon e Pitágoras com os mandatários itálicos⁸⁷⁷. Além destes exemplos, podemos mencionar o papel de Aristóteles junto de Alexandre e o de Sócrates com Alcibíades, ainda que, neste caso em particular, não se possa dizer que tenha tido consequências dignas de relevo⁸⁷⁸. Aliás, Platão, a quem Plutarco deve muitas das suas ideias, também não foi bem sucedido ao tentar influenciar o mais importante monarca do seu tempo, Dionísio II de Siracusa, ele que idealizara a fusão da função de filósofo e rei⁸⁷⁹.

Apesar da brevidade deste tratado, é visível a presença da dupla dimensão da filosofia: a privada e a pública. Por um lado, o mundo interior que fomenta a harmonia da alma e, por outro, um nível exterior, que procura a concórdia entre os homens⁸⁸⁰, com o objectivo de concretizar o *τέλος* do *λόγος προφορικός*.

Atendendo a esta “magistratura da filosofia” pode afirmar-se que, pela influência que exerce junto dos políticos, o filósofo passa a ter também o papel de legislador. Contudo, não é esse o desempenho que mais nos interessa, mas a do filósofo educador, por Plutarco acreditar que a educação e a moralidade têm um sentido especial num momento em que a Grécia vive integrada no *Imperium*. Por isso, é fundamental que haja um bom imperador, até porque o próprio autor pôde testemunhar a acção política de Nero e Domiciano, tal como presenciou o conturbado ano de 69, com quatro imperadores. Além

⁸⁷⁴ A filosofia, enquanto matéria de um nível superior de educação, está relacionada com o homem que exerce o poder, embora existam naturais diferenças entre a vida filosófica e a política (cf. *Per.* 16.7), tal como também se podem notar algumas semelhanças (cf. *Praec. ger. reip.* 798B); em Plutarco, por influência de Platão e de Aristóteles, a filosofia é uma componente fundamental da *paideia* (cf. F. Becchi (1999: 25-44)).

⁸⁷⁵ Cf. *ibid.* 776B-C.

⁸⁷⁶ Cf. Arist. *EN* 1094b 1-10 (procurar o bem para muitos na acção política).

⁸⁷⁷ Cf. *Max. cum princ.* 776E-777B.

⁸⁷⁸ Cf. *Alc.* 4-7.

⁸⁷⁹ Cf. *Resp.* 519c-521b.

⁸⁸⁰ Cf. *ibid.* 777B-D

disso, também as elites romanas que presidiam aos destinos das cidades gregas deveriam ter consciência das suas responsabilidades. A filosofia pode, por assim dizer, ser um antídoto para a ἀμουσία dos que governam⁸⁸¹. Plutarco é muito claro quanto ao interesse que move o filósofo:⁸⁸² πλοῦτον δὲ καὶ δόξαν ἡγεμονικὴν καὶ δύναμιν ἐν φιλίαις οὐ διώκει, οὐ μὴν οὐδὲ φεύγει ταῦτα μετρίῳ προσόντ' ἦθει (Não persegue nas suas amizades a riqueza, a glória que dá a liderança, nem o poder, mas não os recusa quando estão unidos a um carácter equilibrado). Assim, o filósofo não tem como prioridade a riqueza, a glória ou o poder, mas também não os deve recusar se isso estiver ligado a um *ethos* prudente e equilibrado⁸⁸³. À filosofia pede-se que consiga inculcar nos governantes hábitos de justiça e a vocação para agir segundo aquilo que é correcto e benéfico para os cidadãos, pois só dessa forma eles conseguirão sentir-se recompensados e felizes:⁸⁸⁴ τοὺς δ' ἄρχοντας οἱ συνόντες τῶν φιλοσόφων δικαιοτέρους ποιοῦσι καὶ μετριοτέρους καὶ προθυμότερους εἰς τὸ εὖ ποιεῖν, ὥστε καὶ χαίρουν εἰκός ἐστι μᾶλλον (Os filósofos que se relacionam com governantes tornam-nos mais justos, moderados e predispostos para fazer o bem, de tal forma que é natural que eles sintam maior alegria).

A intenção de Plutarco é, assim, inculcar valores, como a magnanimidade, a doçura, a simplicidade, a equidade, a prudência ou a moderação, naqueles que são agentes activos da *politeia*, que Plutarco por vezes define como uma τέχνη στοχαστική⁸⁸⁵. Como se depreende daquilo que já referimos, este tratado recupera um tema platónico⁸⁸⁶, talvez por Plutarco acreditar que essa concepção poderia ser útil no seu tempo, em que se tinha instalado uma crise de valores morais entre a classe dirigente. Da mesma forma, Díon de Prusa, num discurso a propósito da realeza, pronunciado, segundo se crê, na presença de Trajano⁸⁸⁷, considera que a palavra do sábio é uma orientação para aquele que governa:⁸⁸⁸ μόνος δὲ ὁ τῶν φρονίμων τε καὶ σοφῶν λόγος, οἷοι γεγόνασιν [οἱ] πολλοὶ τῶν

⁸⁸¹ Cf. *ibid.* 777D.

⁸⁸² *Ibid.* 778A.

⁸⁸³ A φιλοπλουτία, uma doença da alma, não deve servir de estímulo para o filósofo enveredar pela acção política (cf. 777D); vide, ainda, *Praec. ger. reip.* 798E-F e 819E.

⁸⁸⁴ Cf. *ibid.* 778F.

⁸⁸⁵ Cf. *An seni resp.* 792D; vide Arist. *EN* 1109a e 1141b.

⁸⁸⁶ Na *Resp.* e nas *Lg.*, Platão apresenta-nos a cidade ideal regida por filósofos. Os poetas líricos e os primeiros filósofos também não deixaram de aconselhar os que governavam sobre o exercício da *politeia*; sobre a concepção do filósofo-rei em Plutarco e as suas relações com o ideal platónico, vide G. Aalders (1982: 41), G. Aalders & L. de Blois (1992: 3391), J. Hershbell (1995: 213) e B. Boulet (2005: 245-256). Plutarco, em *Num.* 20.8-9, parece querer dizer que esse ideal já havia sido realizado pelo rei Numa, e também depois Cícero cumpriria esse doutrina política (cf. *Comp. Dem.-Cic.* 3.4); vide, ainda, *De lib. educ.* 7F-8A.

⁸⁸⁷ P. Desideri (1978: 350).

⁸⁸⁸ *Or.* 1.8.

πρότερον, ἀνενδεὴς καὶ τέλειος ἡγεμῶν καὶ βοηθὸς εὐπειθοῦς καὶ ἀγαθῆς φύσεως, πρὸς πᾶσαν ἀρετὴν παραμυθούμενός τε καὶ ἄγων ἐμμελῶς (Arenas a palavra dos que são prudentes e sábios, como muitos dos antigos eram, é guia perfeita e eficaz, auxiliadora da natureza obediente e nobre, capaz de encorajar e de guiar de forma conveniente para a virtude plena).

No tratado de Plutarco, o vocábulo *politikos* significa não só aquele que exerce a *politeia*, o que detém o poder, mas sobretudo aquele que se interessa pelo bem-estar dos cidadãos. Isto aplica-se tanto ao político como ao filósofo. Aliás, a palavra *philosophos*, seguindo o modelo platónico, também pode significar o homem de Estado educado em filosofia. Resulta, deste modo, evidente que a comunidade só terá a ganhar com a cooperação entre o *philosophos* e o *politikos*, até porque o *philosophos* ajudará a evidenciar a φιλοκαλία e a φιλανθρωπία do governante.

Note-se, ainda, que, se tivermos em conta a terminologia usada (ἡγεμόνες ou ἄρχοντες), este tratado pode ter como destinatários os políticos locais como senadores, procônsules ou cônsules, sem que exista uma referência clara à figura do imperador (αὐτοκράτωρ ou καίσαρ)⁸⁸⁹.

1.3.2. *Ad principem indoctum 779D-782F*

Se, no tratado anterior, Plutarco desenvolveu a ideia de que considerava fundamental a proximidade entre o *politikos* e o *philosophos*, neste assume que a formação dos soberanos é tão difícil quanto necessária, uma vez que o *apaideutos*⁸⁹⁰, o oposto de *pepaideumenos*, nunca poderá ser um bom governante⁸⁹¹. Para a consumação desse objectivo, só a filosofia pode proporcionar uma boa educação, no sentido de o libertar de paixões e de lhe ensinar a virtude e a justiça⁸⁹², ou seja, a *paideia* filosófica. Assim, o tratado *Ad principem indoctum* ou *ineruditum*⁸⁹³ recupera os princípios de Platão, de

⁸⁸⁹ Para G. Roskam (2002: 179), isso revela as precauções que Plutarco tem em relação à figura do Imperador, ainda que esteja no seu espírito a possibilidade de este beneficiar com a presença do filósofo.

⁸⁹⁰ G. Anderson (1989: 105) refere a este propósito: “The social prestige of paideia is often undisguised: a society polarising into honestiores and humiliores was able to polarise into πεπαιδευμένοι and ἀπαιδευτοί, into educated and ignorant uses”.

⁸⁹¹ A complementaridade entre os dois tratados levou A. Barigazzi (1982: 62-79) a defender que os dois formariam um único tratado. O uso de οἷσθε, em 781E, e οἷει, em *Cum princ. philos.* 779A, pode dificultar a aceitação dessa tese. Dentro desta linha de pensamento, G. Zecchini (2002: 191), com base na ocorrência do pronome pessoal σε, em *Cum princ. philos.* 778C, escreve: “(...) in the Maxime cum principibus there is one character, who is addressed in the second person singular and to whom the work is directed, that does not appear in the *Ad principem ineruditum*”. Sobre o bom governante em Plutarco, vide A. Squilloni (1989: 225-243).

⁸⁹² Cf. 782A.

⁸⁹³ C. Jones (1971: 30) não afasta liminarmente a possibilidade de este tratado ter como

Isócrates ou dos Estóicos, defensores da educação filosófica dos *hegemonikoi*, e dirige-se, possivelmente, ao *princeps*⁸⁹⁴.

Tanto nos *Moralia* como nas *Vitae*, Plutarco demonstra, recorrentemente, que aqueles que governam se encontram muito próximos dos defeitos ou das virtudes, do insucesso ou da glória, e temem que a *paideia* lhes faça perder a autoridade⁸⁹⁵. Os que assim agem só revelam que não interiorizaram o verdadeiro sentido do poder e os deveres que têm de respeitar para com os cidadãos, tornando-se muitas vezes tirânicos:⁸⁹⁶

Ἄλλα νοῦν οὐκ ἔχοντες οἱ πολλοὶ τῶν βασιλέων καὶ ἀρχόντων μιμοῦνται τοὺς ἀτέχνους ἀνδριαντοποιούς, οἱ νομίζουσι μεγάλους καὶ ἄδρους φαίνεσθαι τοὺς κολοσσούς, ἂν διαβεβηκότας σφόδρα καὶ διατεταμένους καὶ κεχηγότας πλάσσωσι· καὶ γὰρ οὗτοι βαρύτητι φωνῆς καὶ βλέμματος τραχύτητι καὶ δυσκολίᾳ τρόπων καὶ ἀμιξίᾳ διαίτης ὄγκον ἡγεμονίας καὶ σεμνότητα μιμεῖσθαι δοκοῦσιν, οὐδ' ὅτιοῦν τῶν κολοσσικῶν διαφέροντες ἀνδριάντων, οἱ τὴν ἔξωθεν ἡρωικὴν καὶ θεοπρεπῆ μορφήν ἔχοντες ἐντός εἰσι γῆς μεστοὶ καὶ λίθου καὶ μολίβδου· πλὴν ὅτι τῶν μὲν ἀνδριάντων ταῦτα τὰ βάρη τὴν ὀρθότητα μόνιμον καὶ ἀκλινῆ διαφυλάττει, οἱ δ' ἀπαίδευτοι στρατηγοὶ καὶ ἡγεμόνες ὑπὸ τῆς ἐντός ἀγνωμοσύνης πολλάκις σαλεύονται καὶ περιτρέπονται· βάσει γὰρ οὐ κειμένη πρὸς ὀρθὰς ἐξουσίαν ἐποικοδομοῦντες ὑψηλὴν συναπονέουσι. δεῖ δέ, ὡσπερ ὁ κανὼν αὐτός, ἀστραβῆς γενόμενος καὶ ἀδιάστροφος, οὕτως ἀπευθύνει τὰ λοιπὰ τῇ πρὸς αὐτὸν ἐφαρμογῇ καὶ παραθέσει συνεξομοιῶν, παραπλησίως τὸν ἄρχοντα πρῶτον τὴν ἀρχὴν κτησάμενον ἐν ἑαυτῷ καὶ κατευθύναντα τὴν ψυχὴν καὶ καταστησάμενον τὸ ἦθος οὕτω συναρμόττειν τὸ ὑπήκοον· οὔτε γὰρ πίπτοντός ἐστιν ὀρθοῦν οὔτε διδάσκειν ἀγνοοῦντος οὔτε κοσμεῖν ἀκοσμοῦντος ἢ τάττειν ἀτακτοῦντος ἢ ἄρχειν μὴ ἀρχομένου·

Porém, muitos dos reis e dos governantes, não tendo discernimento, imitam os escultores sem arte, os que consideram que os colossos parecem mais imponentes e grandiosos se os modelarem com as pernas em posição de andar e com os braços esticados e a boca aberta. Na verdade, os reis e os governantes julgam que imitam a majestade e a solenidade da hegemonia por usarem uma voz grave, terem um olhar lancinante e formas de agir irascíveis ou uma vida isolada, mas em nada diferem das estátuas dos colossos, que têm por fora um aspecto heróico e digno de uma divindade, mas por dentro estão cheias de

destinatário Trajano, mas, por não haver nenhuma referência explícita no texto, considera que ele “delivered before several hearers”. O plural οἷεσθε (781E), acima mencionado, parece sugerir que se dirigia a várias pessoas, numa espécie de conferência ou lição pública.

⁸⁹⁴ Sobre o destinatário e a antiga tradição do *speculum principis*, vide A. Tirelli (2005: 20-1), que sustenta a ideia de que as palavras de Plutarco, neste tratado, giram em torno do *optimus princeps*.

⁸⁹⁵ Cf. 779D-F.

⁸⁹⁶ 779F-780B.

- 274-5, 282, 292, 295 n. 956, 301 n. 3, 302 n. 9, 315, 325, 335, 339, 340, 349, 353, 355 n. 316, 362-4, 367 n. 346, 368-370, 372, 375-8, 382-4, 391-3, 395-6, 398, 400, 402
- greco-romana, 17, 76 n. 285, 86, 97 n. 348, 111, 279, 334, 349, 359 n. 325, 363, 366, 372, 378-380, 387, 392, 395-6, 398, 400-2
- Gruen, E., 146 ns. 143 e 145, 148 n. 150, 149 ns. 151 e 153, 217 n. 506, 239 n. 639, 302 ns. 8 e 11, 339 n. 242
- Hadas, M., 369 n. 354
- Halfmann, H., 390 n. 446
- Hall, J., 70 n. 250, 377 n. 390, 387 n. 423
- Hall, S., 360 n. 327
- Hamilton, J., 42 n. 90, 66 n. 221, 68 n. 230, 75 n. 278, 244 ns. 668 e 674, 248 ns. 692 e 695
- Hardie, Ph., 103 n. 374, 385, 417
- Harris, W., 80 n. 303
- Hartog, F., 85, 302 n. 9, 386 n. 420
- helenocêntrica, 333, 386, 388, 389
- Helmbold, W. C. & O'Neil, E. N., 29 n. 19, 68 n. 231, 82 n. 308
- Henrichs, A., 153 n. 174
- Héracles, 36, 39 n. 74, 126, 128, 255, 262, 324
- Heraclides, 65
- Heraclito, 163 n. 227, 165 n. 237
- Herbert, K., 106 n. 388
- Hermipo, 61, 65-6, 179, 180 n. 306
- Hermógenes, 52 n. 138
- Heródoto, 63-5, 72, 76 n. 285, 79 n. 295, 89, 99, 102 n. 372, 109, 142 n. 124, 259 n. 760, 261 n. 768, 360-1, 371 n. 365, 383 n. 402
- Hershbell, J., 40 n. 78, 41 n. 86, 72 n. 259, 79 n. 295, 152 n. 161, 281 n. 868, 283 n. 886, 304 ns. 18 e 19, 311 n. 60, 346 n. 285
- Hesíodo, 17, 39 n. 74, 52, 62, 63, 117 n. 3, 121, 145 n. 141, 155
- Hipócrates, 149, 150
- Hirzel, R., 51 n. 130,
- Homero, 39 n. 71, 52, 62, 65, 93, 145 n. 141, 146, 147, 171, 198, 212, 214, 235, 251 n. 704, 252, 271, 333, 340, 350, 373
- Homeyer, H., 64
- Hopkins, K., 390 n. 446, 397 n. 469
- Horácio, 325 n. 171, 367 n. 346, 368 n. 348
- humanitas*, 278, 305 n. 21, 349, 364, 366-8, 370, 393 n. 459
- Humbert, S., 66 n. 221, 261 n. 770, 263 n. 777, 369 n. 356
- identidade, 9, 22, 27 n. 7, 39, 54, 63 n. 204, 86, 88 n. 326, 112, 136, 165, 304, 308, 312 n. 68, 316, 333-366 *passim*, 369, 380, 383, 385, 387, 390, 392, 395-402 *passim*
- Idomeneu, 71 n. 257, 138
- Ingenkamp, H., 372 n. 371
- Íon de Quios, 65
- Isócrates, 52, 61, 65, 66, 100, 117 n. 3, 118-120, 126, 148, 179, 180, 262, 272, 285, 302, 313 n. 74, 317, 349, 351-3, 397
- Jacoby, F., 65, 270 n. 822
- Jaeger, W., 117
- Jolowicz, H., 169 n. 259
- Jones, C., 18 n. 1, 20, 26 n. 6, 27 ns. 7 e 10, 30 n. 27, 32 n. 34 e 39, 33 ns. 41 e 43, 38 n. 68, 39 n. 73, 45 n. 99, 75 n. 278, 77 n. 292, 86 n. 320, 95 n. 341, 96 n. 345, 107 n. 390, 197 n. 414, 280 n. 866, 284 n. 893, 301 n. 5, 316 n. 89, 341 n. 255, 342 n. 263, 362 n. 336, 365, 370 n. 362, 390 n. 446, 397 n. 468
- kakia*, 38, 40 n. 77, 55, 59 n. 188, 97, 195, 216 n. 496, 286, 308, 315, 334
- Kennel, N., 118 n. 5
- Koller, H., 351 n. 289

- Konrad, C., 197 n. 413, 198 n. 422, 202 n. 437, 203 n. 441
- Konstan, D., 360 n. 327
- Krämer, H., 312 n. 72
- Lachenaud, G., 350 n. 298
- Lacy, Ph. de, 73 n. 266
- Larmour, D., 55 n. 159, 58 n. 181, 69 n. 240, 70 n. 249, 125 n. 43
- Latim, 52 n. 138, 53, 61, 74-75, 134, 144 n. 138, 147, 149 n. 154, 182, 185, 188, 189, 190 n. 360, 196, 305, 307, 318 n. 119, 339, 350 n. 298, 362 n. 335, 364, 365 n. 340, 367, 370, 378, 384, 385, 388 n. 436, 394
- Leão, D., 63 n. 200, 105 n. 382, 129 n. 58, 257 n. 745
- Leo, F., 63, 64
- Léon, M., 265 n. 794
- Levi, M., 64
- Levin, S., 278 n. 853
- Licurgo, 36, 52, 69, 87 n. 327, 91, 122, 151 n. 159, 218, 219, 233, 281 n. 869, 295 n. 956, 296, 309, 331 n. 212, 345, 346, 376, 393
- Lisandro, 43, 216 n. 496, 221, 245 n. 678, 260 n. 767, 305 n. 21, 316 n. 94, 388
- Lisímaco (pai de Aristides), 137, 143 n. 129, 144
- Lisímaco (*paidagogos* de Alexandre), 247, 248, 259, 319, 329
- logos*, 56 n. 164, 97 n. 347, 98, 105, 109, 117 n. 3, 118, 119 n. 18, 122, 157 n. 198, 159, 164, 167, 172, 181, 193, 264, 275, 296 n. 965, 309, 310 n. 57, 312, 313, 326, 327, 340 n. 255, 351 n. 303, 354, 389, 396, 402
- Luciano, 61, 72, 86 n. 321, 272 n. 829, 355 n. 314, 359, 378, 397
- Lucrécio, 75 n. 278, 188
- Luculo, 28, 30, 46, 109, 123, 187 n. 336, 216 n. 495, 266, 316 ns. 92 e 94, 318, 333, 337, 341 n. 262, 342 n. 263, 345, 396
- Magnelli, E., 385 n. 417
- Maratona, 36, 74 n. 271, 140, 154, 221, 371
- Marcelo, , 21, 30, 42, 58, 160, 228-244 *passim*, 302, 312, 319, 331 n. 212, 334, 337, 346, 353, 363, 364, 366, 387, 390, 391, 396, 401
- Marcial, 29, 75 n. 278
- Marco Aurélio, 90 n. 333, 363 n. 338, 370
- Marincola, J., 62 n. 196
- Mário, 44 n. 96, 95, 146, 147 n. 146, 157, 160, 186, 198, 216 n. 495, 223 n. 540, 235, 265 n. 789, 266, 306, 316 n. 94, 333, 381, 390, 400
- Marrou, H., 349 n. 297, 350-1, n. 298
- Martín del Pozo, J., 97 n. 346
- Martin Jr., H., 86 n. 321, 166 n. 243, 315 n. 196, 389 n. 441, 393 n. 459
- Martos Montiel, J., 35 n. 48
- Masaracchia, A., 342 n. 264
- Melandri, E., 314 n. 82
- Menandro, 177 n. 295
- Mette, H., 351 n. 298
- Mewaldt, J., 20, 44 n. 99, 45 n. 100
- Milcíades, 35 n. 49, 36, 37, 141, 142, 154, 295 n. 956
- Miles, R., 360 n. 328
- Millar, F., 360 n. 327, 390 n. 447
- mimesis*, 20, 22, 35, 80 n. 299, 93-113 *passim*, 126, 358, 360, 399, 402
- mito, 20, 42 n. 88, 43, 51, 63, 89 n. 327, 99, 103 n. 374, 124, 125, 135, 136, 190 n. 360, 278, 333, 385
- Moles, J., 70 n. 249, 79 n. 295, 83 n. 312, 336 n. 232
- Momigliano, A., 64, 79 n. 295
- Montaigne, 22, 52
- Morales Otal, C., 124 n. 37
- Morgan, T., 118, 119 n. 13, 121 n. 26, 297 n. 967, 321 n. 141, 332 n. 214, 343 n. 274, 350 n. 298, 352 n. 304,

- 356 n. 322, 380 n. 395
- Mossman, J., 75 n. 278, 252 n. 706, 260 n. 767, 261 ns. 768 e 770
- Mühl, M., 243 n. 663
- Nearco, 145, 317
- Nero, 43, 90 n. 333, 210-1 n. 472, 220 n. 525, 279 n. 858, 282, 330, 340, 363 n. 338
- Nícias, 43, 44, 45, 48, 55, 101, 102 n. 372, 142 n. 125, 168 n. 253, 169, 172 n. 268, 174 n. 282, 221, 305, 331 n. 212, 391 n. 455, 392
- Nikolaïdis, A., 45 ns. 99 e 101, 67 n. 222, 71 n. 257, 72 n. 263, 78 n. 293, 96 n. 345, 139 n. 112, 361 ns. 332 e 333, 381 n. 395, 386 ns. 421 e 423, 388 n. 434
- Nippel, W., 361 n. 331
- Numa, 69, 87, 91, 93, 135, 144 n. 137, 270 n. 819, 273, 274, 278, 279 n. 858, 281 n. 869, 283 n. 886, 295 n. 956, 316 n. 94, 325, 337 n. 234, 345, 346, 375, 376, 393, 396
- Opsomer, J., 54 n. 153, 303 n. 17, 313 n. 72
- Otão, 39, 331 n. 212
- Ovídio, 75 n. 278, 393 n. 459
- Pancera, C., 122 n. 30
- Panécio, 52 n. 140, 138
- pathos*, 167, 227, 243, 311 n. 60
- Pausch, D., 111 n. 404
- Payen, P., 333 n. 216
- Pelling, C. 28 n. 15, 32 n. 38, 38 n. 67, 39 n. 73, 45 n. 102, 46 n. 116, 47 ns. 118-120, 51 n. 130, 56 ns. 167, 168 e 170, 57 n. 181, 68 ns. 227 e 233, 70 ns. 242 e 249, 72 n. 260, 73 ns. 264 e 266, 74 n. 275, 75 n. 278, 78 n. 293, 80 n. 300, 81 n. 305, 89 n. 328, 96 n. 345, 101 ns. 366 e 368, 112, 124 n. 37, 139, 150 n. 155, 177 n. 296, 216 n. 496, 217 n. 498, 219 n. 511, 220 n. 518, 239 ns. 639 e 640, 242 n. 658, 263 n. 780, 264 n. 784, 268, 296 n. 963, 313 n. 75, 320 n. 139, 349 n. 296, 393 n. 459, 397 n. 468
- Pelópidas, 26, 30 n. 26, 36, 43, 54 n. 154, 58, 74, 88, 142 n. 125, 311 n. 64, 319, 331 n. 212, 332, 334, 337, 339 n. 246, 391
- pepaideumenos*, 19, 29, 67, 123, 272, 281, 284, 315 n. 86, 316, 333, 344, 356, 362
- Pérez Jiménez, A., 20, 34 n. 45, 37 n. 64, 39 n. 71, 41 n. 86, 47 n. 122, 65 n. 210, 73 n. 268, 74 ns. 270 e 272, 94 n. 339, 124 n. 37, 125 n. 43, 137 ns. 98 e 99, 139 ns. 112 e 113, 140, 162 n. 221, 262, 271 n. 827, 279 n. 858, 291 n. 934, 295 n. 956, 296 n. 963, 305 n. 21
- Péricles, 29 n. 16, 33, 43, 44, 47, 70, 71, 81, 94, 100, 102, 103, 119, 120 n. 21, 126, 142 n. 125, 146, 151 n. 159, 167, 169, 172, 176, 177 n. 295, 191, 211 n. 472, 259, 260, 280, 282, 289, 295 n. 956, 311, 316 n. 94, 317 n. 455, 392
- peripatos*, 41 n. 86, 63-66, 74, 80 n. 303, 111, 138, 194 n. 394, 288, 311 n. 60, 344, 350, 357
- Pernot, L., 56 n. 170
- philanthropia*, 128, 153, 173, 197 n. 413, 231, 254 n. 718, 305 n. 21, 315, 349 n. 294, 361, 380 n. 395, 389, 393 n. 459, 402
- philonikia*, 36 n. 53, 56, 96 n. 345, 211 n. 473, 212, 214, 216 n. 496, 218-227
- passim*, 312, 335, 345, 346, 363
- philosophia*, 18 n. 2, 22, 27, 33 n. 39, 54 n. 153, 90 n. 333, 122, 187, 188 n. 344, 196, 278 n. 855, 279, 281-284, 296, 297, 316 n. 90, 318, 328 n. 194, 333 n. 216, 343, 344, 350-1 ns. 298 e 303, 352 n. 305, 357 n. 323, 393 n. 459, 396
- philotimia*, 47, 56, 109, 110, 125 n. 43,

- 181 n. 309, 211 n. 473, 216 n. 495-6, 226, 227, 238, 242, 245 ns. 678-9, 246 n. 684, 250 n. 699, 258, 267 n. 800, 291 n. 935, 305, 312, 334, 335, 345, 346, 396
- physis*, 41 n. 86, 73, 98 n. 351, 105, 119 n. 18, 121, 122, 136, 167, 176, 189, 197, 198, 242, 259, 260, 265, 269, 271, 278, 308, 311, 314 n. 8, 317 n. 100, 318, 344, 348, 354, 355, 357, 360, 363, 380, 390, 393 n. 459, 395, 400, 402, 403
- Piccirilli, L., 66 n. 214, 67 n. 225, 71 n. 256, 77 n. 292, 96 n. 345, 102 n. 371, 138 n. 104
- Pimentel, C., 137 n. 95
- Pinheiro, J., 137 n. 98, 325 n. 168
- Pirro, 44, 153, 223 n. 540, 224, 331 n. 212, 334
- Plácido, D., 372 n. 372
- Platão, 41 n. 86, 54, 63 ns. 200 e 203, 65, 73, 93 n. 336, 96 n. 344, 117 n. 1, 118, 119 n. 18, 120, 121, 122 n. 30, 137 n. 101, 145 n. 141, 160, 169, 179, 180 n. 306, 187 n. 336, 190, 194 n. 395, 216 n. 496, 237 n. 630, 273, 274, 278, 280, 282 n. 874, 283 n. 886, 284, 294, 303 n. 13, 304-305 n. 21, 308, 309 n. 43, 311 n. 61, 317 n. 100, 343 n. 277, 347 n. 287, 349, 351 n. 298, 355, 373, 374, 381
- Plauto, 75, 278
- Plínio-o-Jovem, 29, 112 n. 404, 262, 278, 280, 288, 370, 388 n. 434
- Plínio-o-Velho, 39 n. 72, 53, 350 n. 298, 368
- Podlecki, A., 29 n. 16, 40, 79
- Políbio, 40 n. 80, 44 n. 96, 52, 53, 70 n. 247, 79, 80 n. 301, 81, 82 n. 308, 83, 87, 90, 102 n. 372, 112, 138 n. 107, 146, 147, 207, 213 n. 477, 218, 220 n. 525, 222 n. 533, 232 n. 599, 236 n. 623, 239 n. 639, 240, 325 n. 171, 375, 384, 400
- politeia*, 21, 22, 27, 31, 35 n. 49, 37, 56, 73 n. 268, 74, 84, 89, 104, 120, 137, 143, 144, 154 n. 179, 156, 172, 180-195 *passim*, 206, 213, 216 n. 496, 220, 230, 250, 260, 301, 307, 309 n. 38, 311, 315, 319, 335, 339, 343, 344, 346, 347, 350 n. 298, 357, 372, 388, 390, 399, 401, 403
- Polman, G., 46 n. 110, 47 n. 122
- Pompeio, 45, 52 n. 140, 53, 55, 78, 81, 109, 144 n. 131, 197, 203, 244, 260 n. 767, 263, 265, 266, 268, 269, 331 n. 212, 335
- Posidónio, 52 n. 140, 185, 188 n. 344, 197 n. 413, 238 n. 635, 239 n. 639, 243 n. 663, 318, 350 n. 298
- Prandi, L., 67 n. 221
- praxis*, 19, 21, 25, 48 n. 126, 95, 99, 106, 117, 118, 167, 180, 191, 254, 277, 279, 319, 332, 349, 401
- praotes*, 123, 154 n. 177, 166, 305, 342 n. 263, 389, 393 n. 459
- Press, G., 79 n. 295
- Preston, R., 333 n. 217, 335 n. 225, 360 n. 327, 385, 386 n. 419
- proairesis*, 34, 37 n. 64, 94 n. 339, 197, 220, 271, 278, 291, 292, 295, 399
- pronoia*, 54 n. 155, 355 n. 316, 376
- Publicola, 48, 83, 161, 331 n. 212
- Puech, B., 32 n. 34, 32 n. 39, 316 n. 89
- Quellenforschung*, 68 n. 231
- Queroneia, 18, 21, 25, 27, 42, 47, 59, 71, 75, 85 n. 318, 103, 106, 108, 137, 154, 177 n. 295, 191, 369, 383 n. 402, 394, 395, 396
- Quintiliano, 294, 350 n. 298, 374 n. 379
- Race, W., 66 n. 217
- Ramón Palerm, V., 83 n. 312, 137 n. 99, 53 n. 149
- Rawson, E., 384 n. 407
- Redfield, J., 89 n. 330
- Remo, 129, 130, 131 n. 65, 317 n. 96
- Retórica, 29, 30, 32 n. 38, 33, 35, 39, 46, 48, 51 n. 132, 52, 56, 58, 63

- n.204, 67, 110, 119 n.18, 121, 145, 146,148 n.150, 157 n. 198, 162 n. 221, 164 n. 234, 176 ns. 289 e 291, 179,180--195 *passim*, 203 n.441, 248, 261, 264, 272, 275, 296, 301, 305, 311, 313, 317, 318, 319, 326, 330, 332, 333, 334, 338, 344, 349, 350, 357, 359, 364, 371, 385 n.417, 394 n.462, 395, 401, 402
- Ribeiro Ferreira, J., 19, 70 ns. 243 e 250, 118 n. 51, 121, 122 n. 29, 301 n. 1, 304 n. 21, 305 n. 21, 314 n. 80, 360 n. 329, 385 n. 417
- Rijk, L., 351 n. 298
- Robb, K., 118 n. 6
- Rocha Pereira, M. H., 29 n. 22, 107 n. 390, 349 n. 294, 351 n. 302, 367 n. 347
- Roman, D. & Roman, Y., 366, n. 343
- romanitas, 196 n. 412, 202
- romanização, 205, 352 n. 305, 364, 366, 370, 392
- romanocêntrica, 94, 148
- Rómulo, 69, 70 n. 249, 91, 105 n. 382, 216, 273, 295 n. 956, 317, 365 n. 340, 384, 393 n. 459, 396, 402
- Rosalía, A. de, 75 n. 278
- Rosenmeyer, T., 261 n. 770, 47 n. 120
- Roskam, G., 284 n. 889, 303 n. 17, 320 n. 138, 321 n. 148, 328 n. 194
- Rossi, A., 53 n. 146
- Russel, D., 18 n. 2, 26 n. 6, 29 ns. 15 e 19, 51 n. 130, 56 n. 165, 69 ns. 234 e 236, 70 n. 249, 72 n. 260, 74 n. 276, 78 n. 293, 79 n. 295, 86, 89 n. 328, 97, 101 n. 368, 159 n. 203, 197 n. 414, 223 n. 540, 270 n. 825, 344 n. 281, 393 n. 459
- Ruud, N., 96 n. 345
- Saïd, S., 21, 30 n. 25, 89 n. 331, 352 n. 305, 393 n. 459, 401
- Salmeri, G., 370 n. 362
- Salústio, 52 n. 141, 53, 197 ns. 413 e 414
- Sánchez Marín, J., 112 n. 404
- Scardigli, B., 69 n. 235, 71 n. 253, 74, 197 n. 413
- Schmidt, T., 51 n. 136, 361 n. 333, 388
- Schmitz, T., 86 n. 320, 301 n. 5
- Schrader, C., 71 n. 252
- Schröder, St., 54 n. 154
- Séchan, L., 124 n. 37
- Segunda Sofística, 21, 30, 46, 86, 272 n. 829, 301, 302 n. 5, 316, 333, 359, 362, 365, 370, 387, 388, 397
- Semónides, 145 n. 141
- Séneca, 52 n. 138, 75 n. 278, 288
- Senécio, 32, 33 n. 39, 106 n. 388, 124, 309, 284, 403
- Sertório, 41 n. 83, 44 n. 96, 59, 74 n. 271, 90, 112, 191 n. 367, 219 n. 510, 271, 286 n. 898, 308, 314 n. 80, 318, 331, 332, 336, 337, 340, 357, 394, 399, 403
- Shipley, D., 71 n. 255, 139 n. 113
- Sicília, 172, 235, 236, 243, 306, 366, 396 n. 466
- Simónides, 70 n. 243, 118, 309
- sinecismo, 127-8, 134
- Sirinelli, J., 26 n. 6, 27, 33 n. 43, 42 n. 89, 76 n. 279, 106 n. 388, 244, 380
- Sócrates, 54, 56 n. 168, 64, 98 n. 354, 138 n. 108, 139 n. 112, 143 n. 129, 148, 151, 152, 155, 167, 169, 170, 282, 317, 324, 334, 339 n. 247, 344, 355, 373
- Sófocles, 122, 145 n. 141, 251, 319, 340, 371 n. 365, 373
- Sólon, 43, 44, 63, 67 n. 226, 74 n. 272, 93, 145 n. 141, 262 n. 775, 295 n. 956, 316 n. 94
- sophia*, 54 n. 155, 100, 104, 112, 305, 307 n. 27, 348 n. 292, 352 n. 305
- sophrosyne*, 56, 139 n. 109, 200, 254 n. 718, 305 n. 21, 309 n. 43, 315 n. 83
- Spawforth, A. & Walker, S., 387 n. 423
- Squilloni, A., 284 n. 891
- Stadter, Ph., 26 n. 6, 28 n. 14, 32 ns. 38-

- 9, 39 n. 73, 46 n. 114, 47 ns. 117 e 120, 58 n. 181, 67 n. 223, 69 n. 235, 74, 75 n. 278, 77 n. 292, 90 n. 332, 139 n. 110, 344, 370 n. 362
- Stiefenhofer, A., 51 n. 130, 57 n. 181
- Stolz, C., 44 n. 99, 45 n. 100
- Striker, G., 186 n. 328
- Strobach, A., 74 n. 276, 75 n. 278
- Suetónio, 29, 39 ns. 72-3, 62, 63 n. 204, 111, 112 n. 404, 263 n. 780
- Sula, 32 n. 34, 41 n. 83, 132, 146, 164 n. 233, 184-187, 209 n. 466, 264-6, 286 n. 898, 331 n. 212, 382, 388 n. 437
- Swain, S., 29 n. 22, 41 n. 83, 51 ns. 130 e 132-4, 55 n. 159, 56 n. 170, 57 n. 174, 58 n. 181, 59 n. 191, 62 ns. 196-7, 86 ns. 320-1, 106 n. 388, 131 n. 64, 188 n. 348, 189 n. 352, 211 n. 472, 216 n. 495, 217 n. 498, 223 n. 540, 225 n. 551, 277 n. 850, 290 n. 929, 294 n. 952, 301 n. 5, 309 n. 39, 315 n. 88, 316 n. 93, 332 n. 215, 333 n. 218, 335 n. 227, 337 n. 234, 349 ns. 295-6, 355 n. 316, 359 n. 326, 360 n. 327, 370 n. 362, 380 n. 395, 383 n. 406, 384 n. 406, 384 n. 407, 387 n. 423, 388, 390 n. 447, 393 n. 459, 395 n. 465, 396 n. 467, 397 n. 468
- Syme, R., 32 n. 34, 33 n. 41, 39 n. 73
- synkrisis*, 19, 21, 25, 30 n. 26, 41, 51-59 *passim*, 84, 87, 91, 111, 124, 128, 132 n. 76, 133, 135, 154, 156, 175, 181, 194, 195, 197 n. 415, 209, 210, 220, 222, 226, 227, 228 n. 571, 236, 237 n. 626, 242, 243, 244, 275, 345, 363, 375, 380, 382 n. 399, 389, 391 n. 451, 397
- Tácito, 29, 62, 98 n. 354, 278
- Tagliasacchi, A., 93 n. 335, 303 n. 17
- Talbert, R., 396 n. 466
- Tebas, 106 n. 388, 161 n. 214, 229, 230, 231, 254, 260, 371, 392
- Temístocles, 35 n. 49, 36, 37, 43, 45, 52, 54, 70 n. 241, 74, 98, 100, 112, 139-146 *passim*, 154, 156, 195, 259-260, 316 n. 94, 321, 374, 388, 392
- Teodorsson, S.-T., 78 n. 293, 99 n. 356, 304-5 n. 21, 389 n. 443
- Teofrasto, 40 n. 79, 63 n. 203, 65, 72 n. 259, 144, 172, 194, 288, 309 n. 41, 400
- Terêncio, 75 n. 278
- Teseu, 26, 36, 158 n. 181, 69, 70 n. 249, 90, 124-136 *passim*, 311, 317, 322, 402
- Theander, C., 44 n. 99, 68 n. 228, 69 n. 245
- Thomas, R., 118 n. 6
- Timoleonte, 36, 44, 220, 241, 331 n. 212, 388, 396
- Tirelli, A., 285 n. 894, 297 n. 969
- Tirteu, 63
- Titchener, F., 11, 96 n. 345, 372 n. 371, 383 n. 402
- Too, Y., 120 n. 19, 270 n. 823, 353 n. 306
- Toynbee, J., 278 n. 853
- Trajano, 29 n. 18, 32 n. 34, 33, 39 ns. 72 e 73, 42 n. 89, 90 n. 333, 262, 263, 278, 279 n. 858, 280, 283, 285 n. 893, 340, 357, 388 ns, 434 e 435
- Trasíbulo, 36, 169, 229, 231, 371
- Trédé, M., 262 n. 774
- Tronson, A., 71 n. 252
- Tucídides, 44 n. 96, 52, 63, 68, 72, 76 n. 285, 77 n. 288, 79 n. 295, 80 n. 297, 89, 95 n. 342, 96 n. 345, 102, 112, 120 n. 21, 121, 145, 146, 172, 191, 214 n. 481, 317, 352 n. 305
- tyche*, 38, 41, 43, 54 ns. 154 e 155, 56 n. 172, 57, 72, 73, 94, 95, 98 n. 351, 99 n. 355, 130 n. 60, 136, 157 n. 198, 200, 210, 211 n. 472, 226, 241, 254, 258, 262, 268, 287, 337, 341, 355 n. 316, 356, 369 n. 355, 373, 376, 380, 399, 400, 403
- Uxkull-Gyllenband, W., 64
- Valgiglio, E., 32 n. 39, 47 n. 118, 52 n. 138, 53 n. 150, 79 n. 295, 106 n. 387, 271 n. 826

- Van der Stockt, L., 35 n. 51
- Varrão, 53, 61, 349 n. 294
- Vasunia, P., 333 n. 218
- Velázquez Fernández, A.,
- Vergílio, 75, 255 n. 728, 315 n. 86, 367,
368 n. 348
- Vernière, Y., 103 n. 374
- Vinsonneau, G., 363 n. 337
- Vitélio, 39, 43
- Walbank, F., 361 n. 331
- Wallace-Hadrill, A., 357 n. 324, 366 n.
344
- Walsh, J., 77 n. 292, 96 n. 345, 217, 227
n. 563
- Wardman, A., 34 ns. 44 e 45, 38 n. 69,
107 n. 390, 126 n. 48, 237 n. 626,
261 n. 770, 280 n. 867, 388 n. 437
- Warren, E., 118 n. 5
- Westaway, K., 121 n. 25
- Whitmarsh, T., 86 n. 320, 211 n. 473,
266 n. 798, 301 n. 5, 315 n. 88, 316
n. 90, 333 n. 218, 355 n. 314, 359
n. 325, 360 n. 327, 362 n. 335, 368
n. 348, 380 n. 395, 295 n. 465, 398
n. 470
- Wilamowitz-Moellendorf, U. von, 51 n.
130, 160 n. 388
- Wiseman, J., 229 n. 578
- Woolf, G., 90 n. 333, 366, 396
- Xenofonte, 44 n. 96, 52, 61, 65, 66 ns.
218 e 219, 71, 72, 76 n. 285, 112,
121 n. 26, 214 n. 481, 240, 272, 327
n. 181, 337
- Zadorojnyi, A., 33 n. 39, 42 n. 88, 75
n. 278
- Zecchini, G., 265 n. 794, 280 n. 864,
284 n. 891, 389 n. 439
- Ziegler, K., 32 n. 34, 44 n. 99, 51 n. 130,
89 n. 316, 106 n. 388

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 288 p.
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 199 p.
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrocínio: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010). 331 p.
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira & Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 180 p.
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 461 p.
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster & Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009). 573 p.
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010). 173 p.
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010). 288 p.
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronóia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010). 298 p.
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido: *El legado de Tucídides en la cultura occidental. Discursos e historia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011). 301 p.
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011). 265 p.
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011). 451 p.
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, /CHUL, CEC, 2012). 306 p.

14. Carmen Soares e Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 116 p.
15. Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho, José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 228 p.
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 277 p.
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CHUL, 2012). 200 p.
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 396 p.
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva (coords.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012). 594 p.
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC, 2012). 240 p.
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2012). 252 p.
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 472 p.
23. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & José Luís Brandão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. I – Dos saberes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 282 p.
24. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. II – Dos poderes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 336 p.
25. Joaquim J. S. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 458 p.

